

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Thais Viana Pongelupe Rocha

**RAP EM SALA DE AULA: POSSIBILIDADES DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI
10.639/03**

Belo Horizonte
2012

Thais Viana Pongelupe Rocha

**RAP EM SALA DE AULA: POSSIBILIDADES DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI
10.639/03**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Profª Ms. Maria José Batista Pinto

Belo Horizonte
2012

Thais Viana Pongelupe Rocha

**RAP EM SALA DE AULA: POSSIBILIDADES DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI
10.639/03**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof^a Ms. Maria José Batista Pinto

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Maria José Batista Pinto – Faculdade de Educação da UFMG

– Faculdade de Educação da UFMG

Dedico este trabalho a minha família, em especial a minha filha e ao meu marido que compreenderam os momentos de ausência e cansaço. Aos meus alunos (as) que me possibilitaram descobertas prazerosas no desenvolvimento desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho discute acerca da importância e das possibilidades da implementação da lei 10.639/03 a partir da análise de uma ação educativa com foco nas relações étnico raciais que foi desenvolvida com alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte. Buscamos como objetivo principal promover junto aos alunos uma afirmação positiva em relação ao pertencimento étnico-racial e o desenvolvimento de posturas críticas, de questionamentos e de combate frente às desigualdades raciais, através da discussão das letras de Rap. A ação pedagógica foi desenvolvida com 3 turmas de 3º ano do 2º ciclo e foi organizada em três partes: num primeiro momento busquei conhecer melhor o público-alvo do projeto e trabalhei alguns conceitos como raça, racismo, preconceito e discriminação; num segundo momento trabalhei o movimento hip hop e as letras de rap; e num terceiro momento realizei um trabalho de biografias de personalidades negras e de autobiografia dos alunos envolvidos no projeto. O trabalho realizado seguiu os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, no sentido de contemplar o princípio da consciência política e histórica da diversidade, do fortalecimento de identidades e direitos e de ações educativas de combate ao racismo e as discriminações e ainda buscou referências em autores que tratam da cultura juvenil, hip hop, relações étnico raciais, tais como: Andrade (1999); Dayrell (1996, 2003, 2007); Gomes (1996, 2004, 2006) e Herschmann (1997, 2000, 2001). Os resultados alcançados nos permite dizer que nessa prática educativa de maneira simples e ao mesmo tempo profunda abordamos a questão étnico-racial e tantas outras situações vivenciadas por esses alunos. Eles sentiram-se valorizados ao perceber que essas situações podiam ser o principal assunto a ser tratado numa aula de língua portuguesa. Essa ação e várias outras têm demonstrado que abordar em sala de aula conteúdos que trazem a história do Brasil Africano leva a reflexão sobre a discriminação racial, valorizando a diversidade étnica, estimulando valores e competência de respeito, solidariedade e tolerância.

Palavras-chave: Hip Hop. Rap. Juventude. Relações étnico-raciais.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri.....	p.12
FIGURA 2 – Exibição do filme “Vista minha pele”.....	p.33
FIGURA 3 - Oficina de língua portuguesa.....	p.35
FIGURA 4- Mostra de trabalho dos alunos no Centro Cultural Urucuia.....	p.40
FIGURA 5 - Cartazes confeccionados pelos alunos.....	p.43

SUMÁRIO

1	Apresentação.....	08
2	Introdução.....	10
2.1	Caracterização do contexto e do público.....	12
2.2	Grupo de alunos que participaram da ação educativa: Rap em sala de aula: possibilidades de implementação da lei 10.639/03.....	16
3	Justificativa.....	22
4	Objetivos.....	24
4.1	Objetivo geral.....	24
4.2	Objetivos específicos.....	24
5	Alguns referenciais sobre relações étnico-raciais, cultura juvenil e educação que inspiraram o trabalho.....	25
5.1	Relações étnico-raciais no Brasil: uma abordagem histórica.....	25
5.2	Educação, cultura juvenil e relações étnico-raciais.....	27
5.3	Movimento Hip Hop.....	29
5.4	Rap.....	30
6	Metodologia.....	32
7	O desenvolvimento da ação pedagógica.....	33
8	Cronograma de execução.....	36
9	Avaliação.....	39
9.1	Avaliação da ação educativa.....	39
9.2	Avaliação da aprendizagem dos alunos.....	40
10	Considerações finais.....	44
11	Referências bibliográficas.....	46
12	Anexos	49
12.1	Questionário aplicado aos alunos participantes da ação educativa.....	49
12.2	Termo de autorização de uso de imagem enviado aos pais e responsáveis dos alunos participantes da ação educativa.....	52
12.3	Termo encaminhado à direção da escola.....	53
12.4	Músicas trabalhadas nas aulas e oficinas.....	54

1- APRESENTAÇÃO

Minhas trajetórias profissionais e pessoais fizeram com que eu me tornasse professora, escolha feita há muitos anos no curso de magistério nível médio e reafirmada alguns anos depois com a escolha pelo curso de Pedagogia. São escolhas que tenho reafirmado no dia a dia como professora.

Atualmente sou professora da rede pública municipal de Belo Horizonte e ser professora da rede pública diz muito sobre mim, diz que apesar de todas as adversidades acredito em pessoas melhores, num mundo melhor. Acredito que a educação tem o poder de mudar situações tidas como naturais.

Trabalho na Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri há quatro anos e venho participando de ações de combate ao racismo e discriminação desenvolvidos pela escola por meio de atividades que apesar de fazerem parte do projeto político pedagógico da escola, ainda carecem de iniciativas mais eficazes para alcançarem os objetivos desejados.

Atuo em dois horários na mesma instituição e é possível perceber várias diferenças; no turno da manhã os alunos são em sua maioria adolescentes, e no turno da tarde crianças. Como fui educadora infantil tenho mais familiaridade para trabalhar com crianças, sendo para mim um ambiente em que me sinto mais segura; já no turno da manhã, sinto-me constantemente desafiada, pois trabalhar com adolescentes exige um trabalho diferenciado, que os atenda nas suas especificidades e que nem sempre tem sido fácil.

A questão racial se fez presente em toda a minha trajetória, tanto na pessoal quanto na profissional. Hoje analisando, percebo que muitas situações de racismo e preconceito que vivi, passaram despercebidas sendo naturalizadas por mim, por diversas vezes escondidas através do mito da democracia racial que fizeram parte de vários discursos familiares.

A especialização Educação e Relações Étnico-Raciais, me fez perceber que muitas pessoas tem se mobilizado no combate ao racismo, na defesa de ações afirmativas que busquem modificar a situação dos negros no Brasil. Especialmente, possibilitou-me entender o sentido de construirmos uma escola que atenda a todos em suas diferenças, que rejeite toda e qualquer prática discriminatória, racista e preconceituosa.

Dessa forma acredito que o trabalho que descreverei a seguir trabalha em prol de um mundo sem racismo, ouvindo aos sujeitos, até então excluídos e discriminados. Alunos jovens e negros, que carecem urgentemente dessa discussão.

As escolas têm se resignado diante do racismo, produzindo impactos na vida dos sujeitos negros e brancos desde a infância. O racismo não será eliminado de um dia para o

outro. Estamos ainda muito distantes da verdadeira democracia racial, mas é preciso mover-se.

2- INTRODUÇÃO

Esse trabalho analisa uma ação pedagógica que foi realizada com alunos do 6º ano do ensino fundamental (antiga 5ª série) da Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri no período de outubro a dezembro de 2011 e teve como foco trabalhar as questões étnico-raciais.

Nessa ação pedagógica explorei o movimento Hip Hop e seus elementos, em especial o Rap. Acredito que o movimento Hip Hop traz em suas discussões questões que permeiam a nossa sociedade. Em seus Raps fazem alusões a situação de discriminação racial, social e de gênero. Por esse motivo optei por essa forma de trabalho, que me permitiu discutir a questão racial brasileira numa aproximação da cultura juvenil do Hip Hop e o ambiente escolar.

Essa experiência, para além de um requisito formal para obtenção de um título de especialista no âmbito do LASEB (Lato Sensu em Docência da Educação Básica) é também fruto da minha trajetória profissional. Sou professora da rede pública municipal de Belo Horizonte há cerca de sete anos e nesse período trabalhei com educação infantil e ensino fundamental. Atualmente leciono para o 1º ano do 1º ciclo (antigo pré) e para o 6º ano (antiga 5ª série), na Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri embora já tivesse outras experiências profissionais foi somente nessa escola que percebi a discussão racial de maneira mais visível. A escola em sua maioria atende a alunos negros e há oito anos desenvolve um trabalho de maneira a discutir as desigualdades raciais.

Trata-se do Projeto Mama África, no intuito de cumprir a lei 10.639/03, o projeto tem revelado uma dimensão positiva na vida de alunos, professores e funcionários independente do pertencimento étnico racial de cada um.

A lei 10.639/03 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 e determina a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica.

Diante do enfrentamento profissional de trabalhar em uma escola que discute a questão racial e por outros motivos que discutirei no decorrer desse trabalho senti a necessidade de um aprofundamento teórico. Por esse motivo comecei a fazer a pós-graduação na Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do título de especialista da Educação Básica.

Ao desenvolver as ações educativas junto aos alunos pude percebê-las como uma política de reparação na medida em que permitiu aos alunos um maior envolvimento nas atividades escolares. Permitindo uma aproximação ao que é proposto pela Prefeitura de Belo Horizonte, através de suas proposições curriculares e a discussão racial, contemplando capacidades / habilidades específicas para o ano do ciclo em que os alunos se encontravam e os objetivos propostos por esta ação.

Caracterizou-se também como uma política de reconhecimento, já que se tratava de uma ação pedagógica de valorização da diversidade, buscando reconhecer e valorizar alunos negros. Para isso discutimos a construção do imaginário coletivo da democracia racial e o padrão estético e cultural do branco europeu, contribuindo para a construção positiva da identidade negra dos alunos.

O trabalho realizado seguiu os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, no sentido de contemplar o princípio da consciência política e histórica da diversidade, do fortalecimento de identidades e direitos e de ações educativas de combate ao racismo e as discriminações.

O projeto abordou principalmente a linguagem musical do Rap, mas com a ressalva de não reforçar o estereótipos de que jovens negros, moradores de favelas e aglomerados devem ser ligados a esse ritmo. Nesse sentido acredito que o trabalho com personalidades negras foi de grande importância para demonstrar que historicamente as contribuições dos negros não se resumem a música, culinária e a dança.

A ação pedagógica ampliou o foco dos currículos para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Assumindo compromisso com a formação de cidadãos atuantes e democráticos, capazes de compreender as relações sociais e étnico-raciais presentes em nossa sociedade.

Para tanto, busquei registrar essa experiência, organizando-as em partes nas quais busquei contextualizar o espaço e sujeitos com o qual a ação foi desenvolvida, assim como as referências que inspiraram a reflexão sobre a ação e o desenvolvimento da atividade em si. Comecei o texto caracterizando a escola e o grupo de alunos diretamente envolvidos no trabalho, as justificativas teóricas e práticas que fundamentaram esta ação e os objetivos que foram inicialmente propostos.

Escrevi a fundamentação teórica desse trabalho, expondo como embasei minha prática no momento da ação e como fundamentei as análises do trabalho. Descrevi as relações étnico-raciais no Brasil, de acordo com uma abordagem histórica, a questão da juventude brasileira e o movimento Hip Hop, contextualizando-os historicamente na nossa sociedade, recorrendo a autores como Andrade (1999); Dayrell (1996, 2003, 2007); Gomes (1996, 2004, 2006) e Herschmann (1997, 2000, 2001).

Por fim descrevi a metodologia utilizada, o desenvolvimento e a avaliação, num processo de análise da ação que foi desenvolvida.

2.1 - CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DO PÚBLICO



FIGURA 1- Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri (ao Centro).

A Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri situa-se na Rua Pavão s/n, Vila Cemig em Belo Horizonte, e é atendida pela regional Barreiro¹. A regional Barreiro possui 27 escolas municipais, 7 UMEIS (Unidades Municipais de Educação Infantil) e 25 creches conveniadas. A escola foi criada pelo decreto nº 5232, de 27/12/1985, recebendo o nome em homenagem a Dinorah Magalhães Fabri, ex-professora municipal e iniciando suas atividades em 01/02/1986, com atendimento no prédio da Escola Municipal Pedro Aleixo, no 2º turno (das

¹ A prefeitura de Belo Horizonte é dividida em 9 regionais administrativas, no intuito de melhor gerenciamento e atendimento ao cidadão de Belo Horizonte. São elas: Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova.

11h15 às 15h30, na época) até o mês de agosto, quando foi definitivamente transferida para o endereço atual, onde antes havia um campo de futebol.

No início das atividades, todos participavam do preparo e da distribuição da merenda, além da limpeza da cantina e das demais dependências da escola, inclusive aos sábados, pois o quadro de funcionários era bem reduzido.

Na inauguração em 1986 a escola possuía doze salas de aula, uma quadra de esportes coberta, a sala da direção, dos professores, da coordenação e orientação educacional, além da biblioteca, da secretaria e dos banheiros. Em 1996, foram construídas mais seis salas de aula para atender à demanda.

Atualmente, funciona em três turnos, atende a aproximadamente 1.168 estudantes, contando com um quadro de 100 funcionários. Possui hoje, 19 salas de aula e, além das demais dependências já citadas anteriormente, conta também com uma sala de informática, cantina ampla, vestiários masculino e feminino, 2 salas de intervenção, e como anexo a UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) José Isidoro Filho.

A Vila Cemig está localizada entre os bairros Flávio Marques Lisboa e Conjunto Esperança, possuindo uma área de 282.000 m², número de domicílios de 2.310 em 2002, população total residente de 6.400; com taxa de alfabetização de 82,5%.² Esta vila surgiu da ocupação de terras próximas a torres da Cemig – Companhia Energética de Minas Gerais na década de 50.

É uma tendência da escola aderir todo projeto ou programa que o governo municipal oferece às comunidades carentes pela sua rede de educação. Atualmente ela oferece serviços como Escola Aberta, Escola Integrada, EJA - Educação de Jovens e Adultos; fazendo parcerias com programas provenientes de outras instâncias como, por exemplo, o PROERD.

O Programa Escola Aberta foi implementado em 2004 e tem como foco atender os moradores do entorno da escola no uso dos espaços da mesma nos finais de semana para a prática de esportes e oficinas. Dentre as atividades oferecidas estão futebol, voleibol, informática e dança; de certa maneira a escola devolve para a comunidade um espaço de lazer que havia tirado ao ser construída em um terreno baldio usado como campo de futebol.

O Programa Escola Integrada foi implementado em 2007 e atualmente oportuniza a 490 estudantes um tempo a mais de formação fora de seu turno de estudos regulares com oficinas de esportes, artesanato, educação ambiental, acompanhamento pedagógico, música e dança. As oficinas são ministradas por agentes da comunidade e por estudantes de

² Segundo dados disponíveis no site www.favelaeissoai.com.br. Acesso em 05/10/2011.

universidades conveniadas que os orientam na organização das oficinas que ministram, sendo todos remunerados pelo governo municipal.

As crianças ficam em um espaço próprio administrado pela escola e almoçam na cantina da mesma com um cardápio supervisionado por uma nutricionista. Este serviço é muito procurado pelas famílias dos estudantes e, não raro, ele se torna imprescindível, já que muitos pais não têm com quem deixar seus filhos (as) enquanto trabalham.

O PROERD - é um Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência que tem por objetivo prevenir o uso indevido de drogas e combater a violência entre jovens. O PROERD é uma iniciativa da Polícia Militar de Minas Gerais, com base no Projeto D.A.R.E. (Drug Abuse Resistance Education), implantado em Los Angeles/EUA, em 1983. Atualmente presente em mais de 58 países e forma parcerias com escolas municipais e estaduais. Na Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri atualmente atende cerca de 75 alunos.

Embora a escola tenha várias parcerias e receba vários projetos externos, nem sempre esta relação é amistosa, no caso da Escola Integrada, existe uma queixa muito grande por parte dos professores, que embora reivindiquem escola em tempo integral, questionam os espaços físicos utilizados e a forma como as oficinas acontecem. Sendo elementos distantes dentro de uma mesma escola, com exceção de alguns momentos em que os vários projetos convergem num objetivo comum, como é o caso do Projeto Mama África.

O Projeto Mama África, acontece há oito anos e tem o intuito de problematizar a questão étnico-racial. É um projeto que envolve toda a escola e tem ganhado um espaço maior a cada ano em que é realizado.

A escola possui um projeto político pedagógico muito antigo, que não representa a realidade e as demandas atuais da escola. Esse ano iniciou-se a discussão para reelaboração do mesmo, para isso a localização da escola e o pertencimento étnico-racial dos alunos vêm sendo bastante discutido, no intuito de incluir no Projeto Político Pedagógico questões que sejam relevantes para a escola.

O Projeto Mama África está em sua oitava edição, foi idealizado por algumas professoras e coordenadoras, antes mesmo da implementação da lei 10.639/03. A promulgação da lei foi o incentivo para dar início ao projeto, por isso sua primeira edição coincide com o ano da lei.

Trata-se sem dúvida de um projeto pioneiro, mas não necessariamente sem dificuldades. Ainda hoje é possível notar a resistência por parte de alguns professores e alunos para trabalhar com a temática. Episódios de discriminação e preconceitos ainda são cotidianos, demonstrando que ainda temos muito para trabalhar sobre a temática racial.

Percebemos que esse trabalho ainda se caracteriza na dimensão de um evento, mas grandes esforços principalmente por parte das idealizadoras do projeto, todas mulheres negras, estão sendo feitos para que o tema seja problematizado e discutido durante todo ano letivo, superando assim a visão de uma data no calendário escolar, mas uma discussão constante sobre a questão racial no Brasil.

É possível perceber uma mudança na autoestima dos alunos e alunas da escola, tem sido crescente o número de alunos que se autodeclaram como negros ou descendentes. As meninas gostam de usar penteados afros e sentem-se mais valorizadas, já que algumas professoras e a coordenadora da escola também usam com frequência esse tipo de penteado.

No ano de 2011 o evento aconteceu em maio, e foi possível perceber um ponto muito positivo que acredito estar só começando, para explicar com mais clareza vou retomar um pouco a descrição sobre a escola.

A Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri, já esteve entre as 33 piores escolas da rede municipal devido ao baixo desempenho no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica)³, nessa ocasião a autoestima dos profissionais da escola foi devastada, a escola passou por intervenções e nesse momento apesar dos esforços para melhorarem o índice da escola a “prefeitura” foi vista como inimiga, por parte dos funcionários da escola.

Por esse motivo os profissionais não costumam participar de nenhum evento proposto pela prefeitura, todo trabalho desenvolvido na escola fica somente na escola e nem mesmo os trabalhos de sala são compartilhados com outras classes. O Projeto Mama África é um dos raros momentos de socialização dos trabalhos.

O Projeto Mama África tem sido o grande impulsionador da autoestima não só dos alunos, mas da escola de maneira geral, tem se tornado a identidade da escola, motivo de orgulho para os profissionais e alunos, cada vez ganha mais visibilidade e prestígio da secretaria municipal de educação e isso tem sido muito importante no resgate da autoestima de todos.

Dessa forma acredito que ações desse tipo têm muito a acrescentar na formação dos estudantes e na construção de uma escola melhor.

³ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado em 2007 para medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino. O indicador é calculado com base no desempenho do estudante em avaliações do INEP e em taxas de aprovação. O índice é medido a cada dois anos e o objetivo é que o país, a partir do alcance das metas municipais e estaduais, tenha nota 6 em 2022 – correspondente à qualidade do ensino em países desenvolvidos.

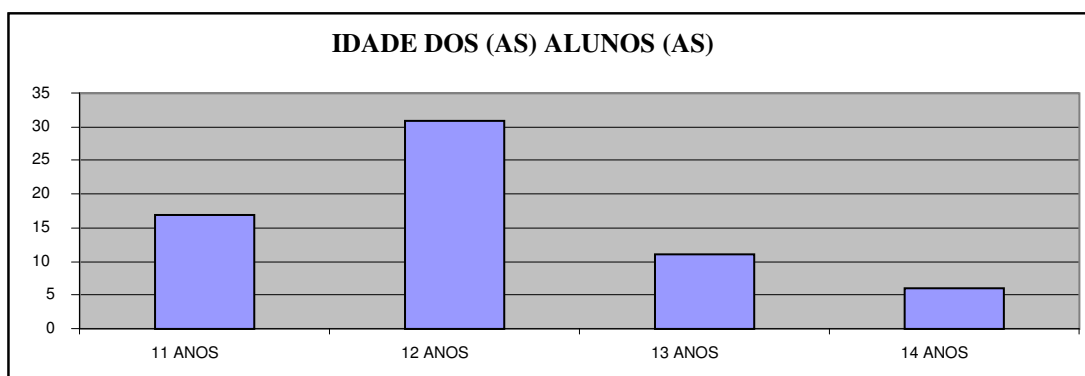
2.2 - GRUPO DE ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA AÇÃO EDUCATIVA: O RAP EM SALA DE AULA: POSSIBILIDADES DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03

O trabalho foi realizado com 70 alunos, que estão agrupados em três turmas de alunos do 6º ano do ensino fundamental (antiga 5ª série), com idades entre 11 e 14 anos da Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri no período da manhã, turmas em que atuo como professora de língua portuguesa.

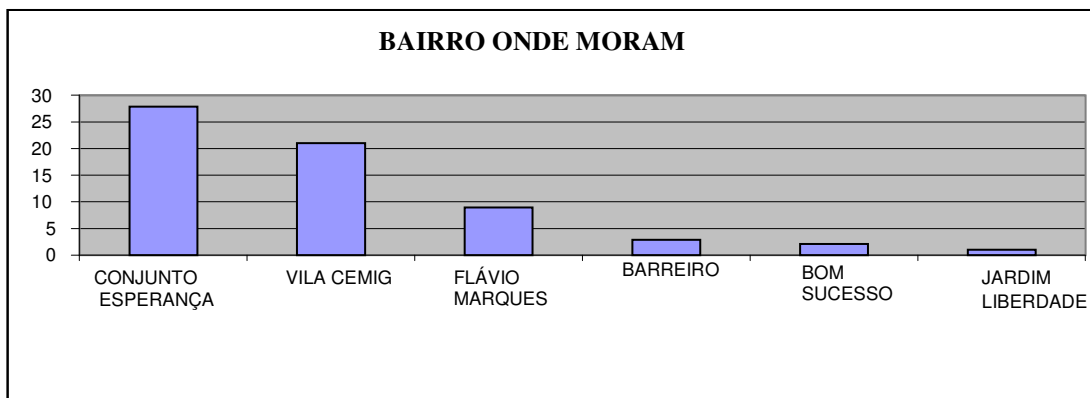
São adolescentes que interagem muito, o que é mostrado nas conversas na sala de aula e também quando buscam colegas de outras salas em outros espaços da escola. Trazem em seu imaginário a marca da violência retratada nas brincadeiras e conversas. A maioria pertence a famílias que tem pouco ou nenhum contato com livros e alguns têm os pais analfabetos. Há alunos com pouco interesse pelos estudos e atividades escolares.

Diante de uma estrutura tão complexa de escola e devido à diversidade no perfil dos alunos, resolvi aplicar um questionário junto aos alunos envolvidos no plano, para conhecê-los melhor e para iniciar uma discussão de situações pouco discutidas no cotidiano da escola.

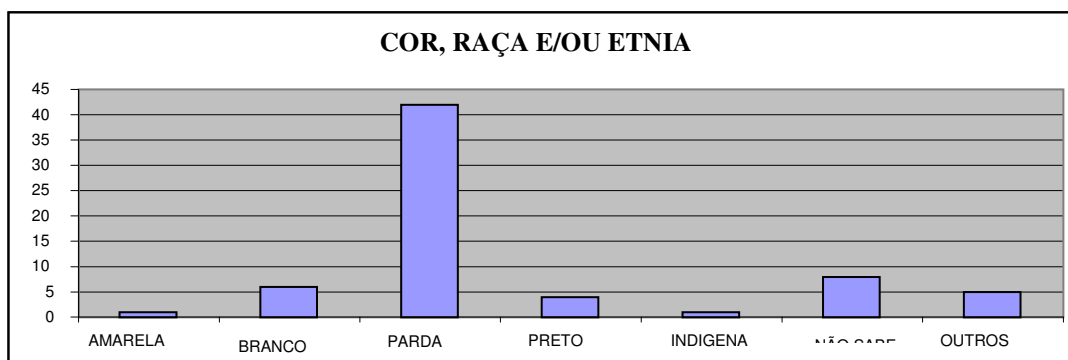
O número de alunos participantes da ação foi maior, mas 65 alunos responderam ao questionário. Dos alunos que responderam ao questionário foi possível traçar o seguinte perfil; são alunos (as) que apesar de estarem cursando o mesmo ano letivo, possuem idades diferenciadas, demonstrando que alguns deles já tiveram algum tipo de interrupção escolar, pois se espera que no 6º ano estejam alunos com idade entre 11 e 12 anos.



Em relação à moradia, a maioria dos discentes mora próximo a escola demonstrando uma proximidade em termos de condições sócio econômicas e acesso a infra estrutura urbana e pública como: transporte, saúde, saneamento básico e outros.

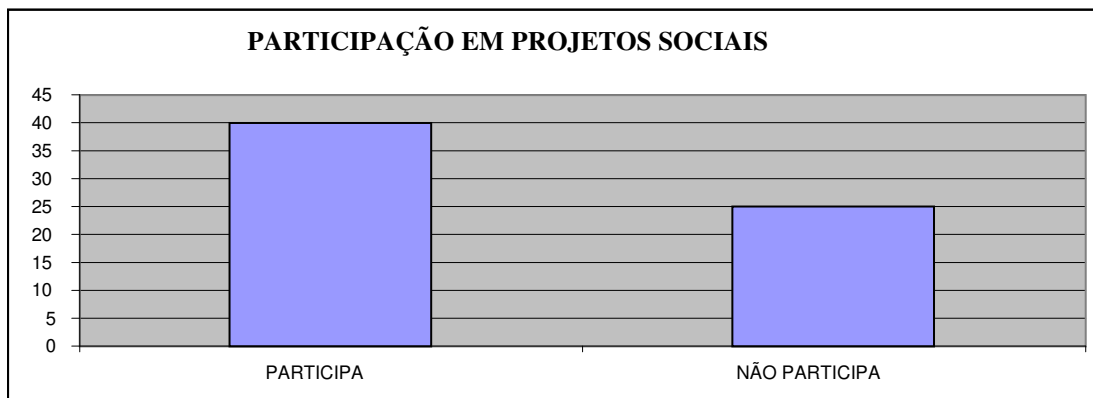


Em relação à cor, raça ou etnia adotei o critério utilizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Mesmo explicando aos alunos (as) esses critérios, não foi uma classificação fácil para os alunos (as) a todo o momento eles questionavam aos demais qual seria a “cor” deles, numa tentativa que outras pessoas classificassem por eles, demonstrando a inexperiência e a dificuldade diante desse tipo de questionamento. Os dados obtidos podem ser melhores visualizados nos gráficos abaixo:

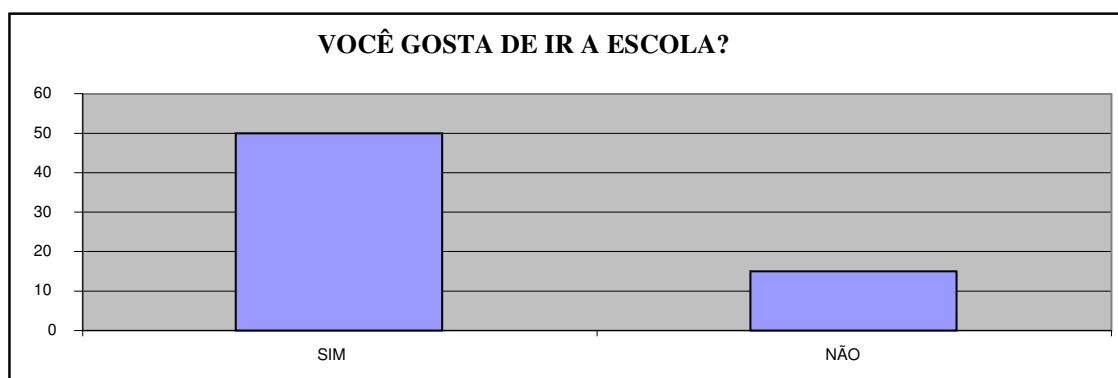


Podemos ver que a maioria declarou-se como pardo, alguns como branco, outros pretos e também uma quantidade que expôs não saber e outros. O exercício da autodeclaração, para além de um mero levantamento de dados, converteu-se em um espaço educativo na medida em que tivemos que discutir os critérios do censo e esclarecer para os alunos o sentido político que ele ocupa para conhecermos a sociedade brasileira.

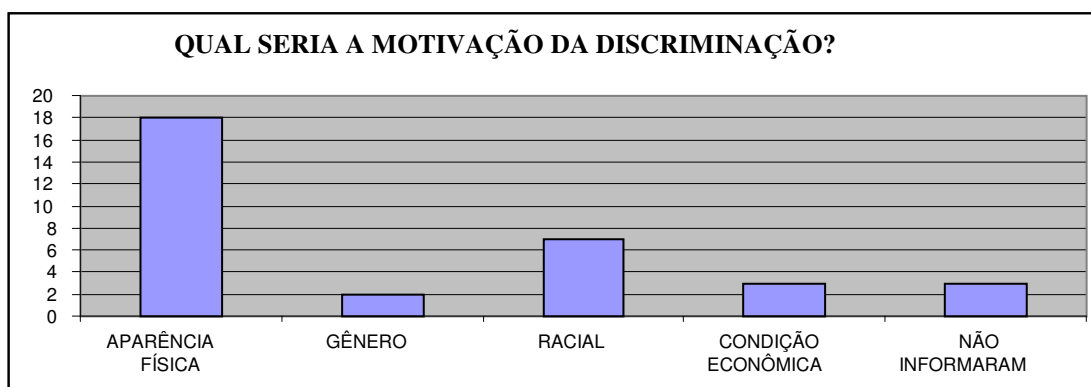
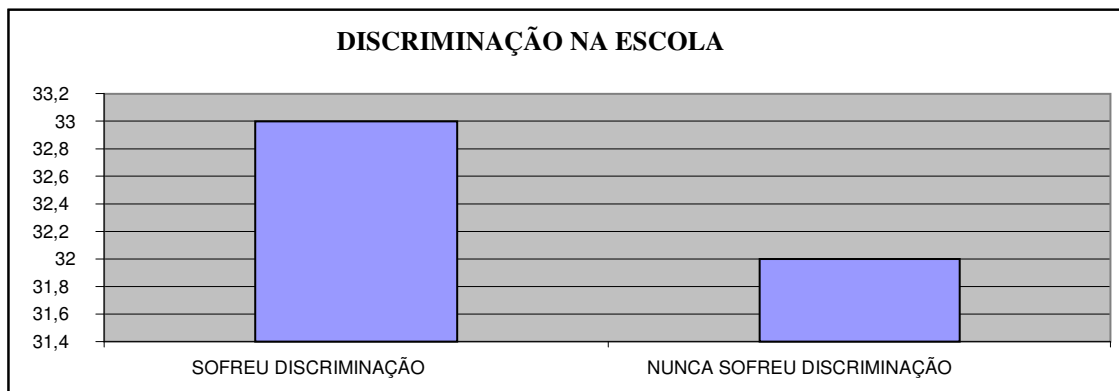
Em sua maioria os (as) alunos (as) participam de projetos no contra turno escolar, geralmente nesses espaços possuem a vivência musical e de projetos ligados à arte.



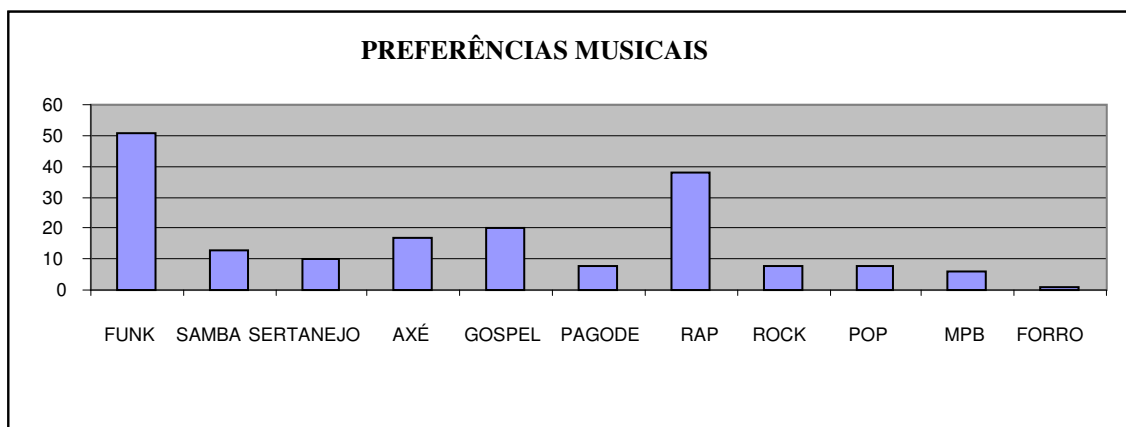
Esses alunos (as) possuem uma relação contraditória com a escola, costumam dizer que não gostam de ir à escola, mas quando questionados, disseram que gostam e justificaram dizendo da importância da escola numa perspectiva de vida melhor. Percebe-se que os alunos demonstram interesse pela escola e gostam dela, mas não da sala de aula, gostam de ocupar outros espaços. Conforme podemos observar no gráfico abaixo:



Outra questão importante que foi discutida dizia sobre a discriminação. Por esse motivo questionei aos alunos sobre situações de discriminação na escola e qual seria o motivo da discriminação. Os alunos “justificam” as discriminações principalmente por questões relacionadas à aparência física e em segundo lugar por questões raciais, é importante destacar que no Brasil verifica-se uma discriminação racial muito ligada aos traços fenotípicos do indivíduo, o que poderia supor que dentre as discriminações por aparência física também esteja às discriminações raciais. Veja os gráficos abaixo:

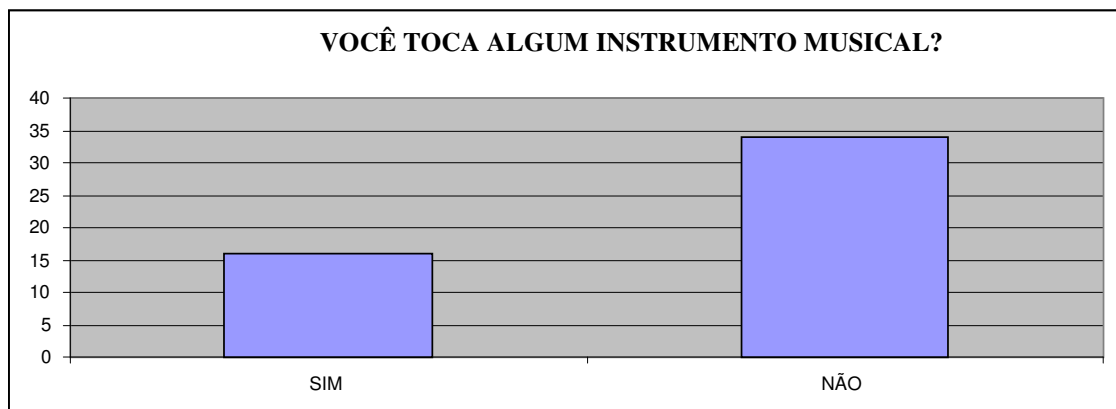
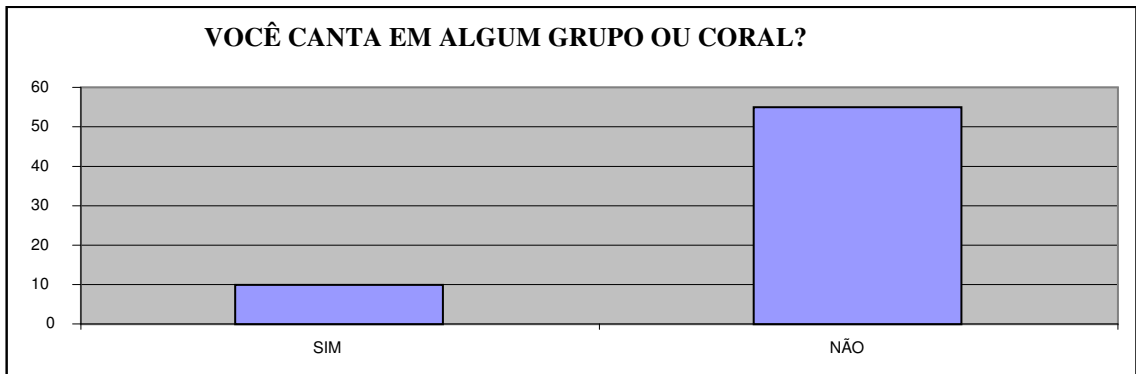
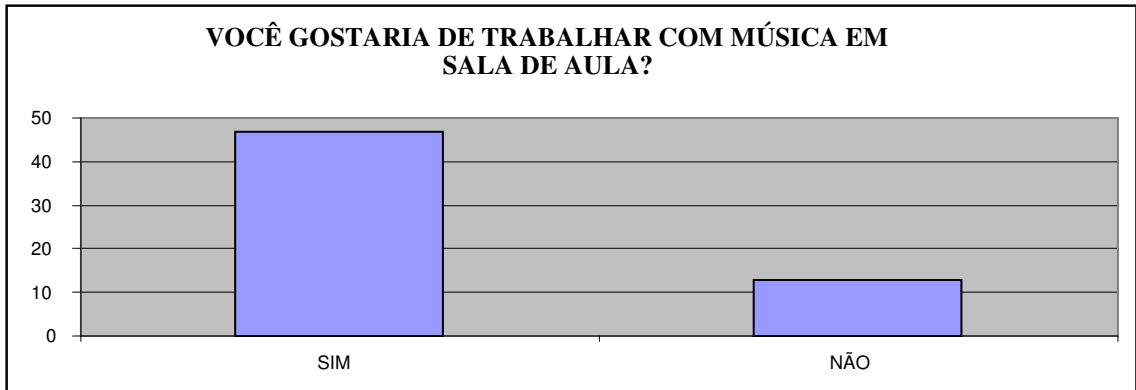


Como já disse anteriormente este trabalho discute a linguagem musical do Rap, por esse motivo questionei aos alunos (as) alguns pontos sobre a vivência musical destes.

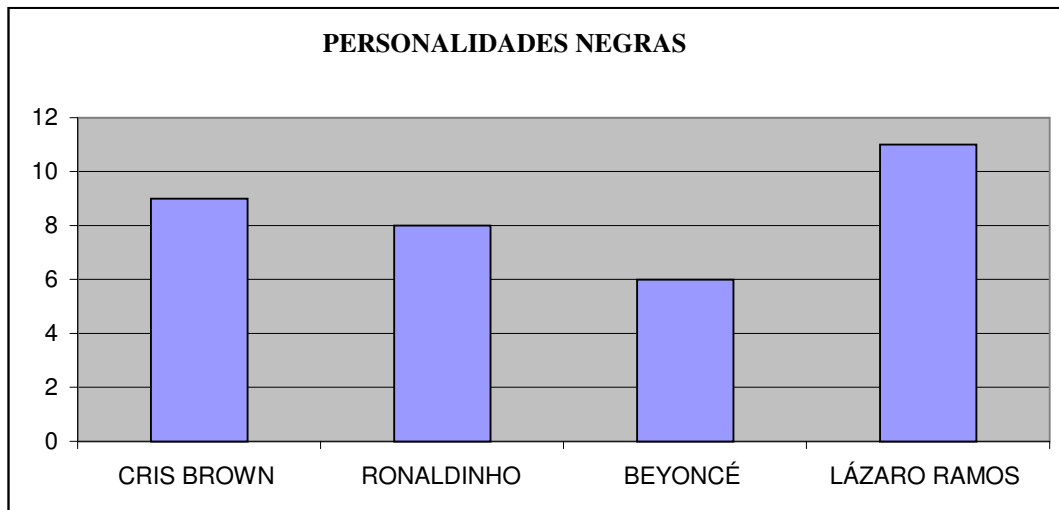


O resultado representado no gráfico acima demonstra que os alunos (as) preferem em primeiro lugar o Funk e em segundo o Rap. Este dado foi de extrema importância para o trabalho já que a partir dele, optei por trabalhar as origens dos gêneros musicais numa aproximação quanto à origem do Funk e do Rap, o que demonstrarei mais adiante na explicitação do trabalho.

Os (as) alunos (as) demonstraram o interesse de trabalhar com música no ambiente escolar, alguns alunos tocavam instrumentos ou cantavam.



Por fim questionei os alunos sobre personalidades negras das diferentes áreas de atuação e eles demonstraram pouco conhecimento, citaram poucos nomes dentre os quais relacionados à música, televisão e ao esporte. Veja o gráfico abaixo:



Ao aplicar os questionários e de acordo com o resultado obtido, foi possível direcionar melhor o trabalho realizado, conhecendo melhor os (as) alunos (as) envolvidos no projeto.

A partir do perfil apresentado é possível perceber que: “(...) eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhoria de vida.” (DAYRELL, 2007, p.20).

3- JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se por diferentes razões, entre elas a exigência curricular da pós-graduação Lato Sensu em Especialista da Educação Básica, área de concentração Educação e Relações Étnico-Raciais, em realizar um plano de ação que abordasse a temática racial na escola, em que atuo como professora.

Mas para além de uma exigência curricular, justifica-se pela urgência e necessidade de combate ao racismo. Sendo compromisso da escola ações que efetivem práticas de repúdio a qualquer tipo de discriminação.

Na escola as situações de discriminações são cotidianas, embora muitas vezes passem despercebidas por alunos e por professores, sendo naturalizadas, e, portanto silenciadas. Estas situações são mais frequentes no turno da manhã, que atende a alunos adolescentes, em que a “zoação”⁴ se faz mais presente.

Por esse motivo o plano foi desenvolvido com os alunos desse turno, acredito que por serem jovens, demandam um trabalho diferenciado, no intuito de atingir a esse público e consequentemente os objetivos propostos por esse trabalho.

Nesse sentido penso que o movimento Hip Hop, e em especial a linguagem musical do Rap possui em suas características linguagens próprias da cultura juvenil, o que possibilitou maior envolvimento dos alunos, além de abordar nas letras das canções problematizações, quanto à questão étnica, racial, de gênero e social.

Entre os alunos envolvidos no plano percebo que a linguagem musical se faz muito presente, sendo um elo entre os alunos. Muitos tocam instrumentos, gostam de cantar, compõem músicas, uma aluna já gravou CD⁵ e frequentemente as aulas são interrompidas por algum tipo de manifestação musical dos alunos. De diferentes formas fora do ambiente da escola formal possuem a vivência musical, seja pela igreja ou por projetos como a Escola Aberta.

Apesar de todas as vivências desses alunos percebo cotidianamente que existe uma relação conflituosa entre a escola e uma parcela da juventude, embora os alunos ressaltem a escola como uma facilitadora de oportunidades futuras e de acordo com o questionário 85%

⁴ Zoação- Neologismo adolescente que significa “fazer bagunça”

⁵ Compact Disc

relatam que gostam de ir à escola. Muitas vezes as manifestações culturais próprias da juventude também são consideradas pela escola como “falta de cultura”.

O jovem quer ser visto como diferente e é assim que ele se mostra. Essa diferença se expressa no modo de vestir, de comunicar, de interagir.

Nesse sentido acredito que a música possui grande importância para promover a relação humana. Ela está presente em todos os meios sociais e faz parte do repertório cultural de todos da escola. Embora nem sempre a escola contemple a música no seu cotidiano, principalmente a dita “popular”, que é justamente a mais ouvida, cantada e apreciada pelos jovens.

Dos alunos que responderam ao questionário, todos relataram gostarem de ouvir músicas, e a maioria informou que gostaria que nas aulas fosse contemplado o trabalho com músicas, embora 20% dos alunos relataram que não gostariam de trabalhar com músicas, pois poderia prejudicar o andamento das aulas.

Contemplando no currículo os fenômenos de produção cultural dos grupos sociais presentes na escola, os alunos poderão reconhecer-se numa escola que geralmente, não os reconhece e não os contempla em seus anseios, potencializando o seu poder educativo.

Por fim, esse trabalho justifica-se ao cumprimento da lei 10.639/03, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, aprovada em março de 2004 pelo Conselho Nacional de Educação.

4- OBJETIVOS

4.1- OBJETIVO GERAL:

Pretendo que os alunos afirmem positivamente em relação ao pertencimento étnico-racial e que adquiram posturas de questionamentos e de combate frente às desigualdades raciais, através da discussão das letras de Rap.

4.2- OBJETIVOS ESPECIFICOS:

Com o desenvolvimento das ações pedagógicas pretendo que os alunos sejam capazes de:

- Compreender os conceitos sociais de raça, negro, diversidade, discriminação e preconceito;
- Compreender o mito da democracia racial, para desenvolver uma consciência política sobre a questão étnico-racial em nosso país;
- Identificar situações de discriminações e preconceitos vivenciados na escola e na sociedade de maneira geral, no intuito de que os alunos possam combater e repudiar tais situações;
- Compreender a origem dos diferentes ritmos musicais, analisando a contribuição de matrizes africanas nos ritmos mais cantados e ouvidos atualmente;
- Reconhecer o ambiente escolar como local da valorização da expressão cultural juvenil do Hip Hop;
- Perceber o gênero textual música, em especial o Rap, problematizando relações sociais e étnico-raciais, presentes na nossa sociedade;
- Construir e afirmar identidades positivas em relação à cultura afrodescendente;
- Afirmar-se positivamente em relação ao pertencimento étnico-racial.

5- ALGUNS REFERENCIAIS SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, CULTURA JUVENIL E EDUCAÇÃO QUE INSPIRARAM O TRABALHO

Nesse capítulo vou expor sobre alguns referenciais que busquei para compreender e embasar teoricamente a ação pedagógica que desenvolvi.

Assim no decorrer desse texto descreverei um breve histórico da questão racial no Brasil; discutirei sobre a condição juvenil apontando elementos do que considereei como juventude e abordarei o movimento Hip Hop e a expressão do Rap como potencialidade educativa.

5.1 - RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

O Brasil ainda vive sobre o imaginário coletivo do mito da democracia racial, com a imagem de um território democrático, afirmativa que muitas vezes resulta num sentimento de nacionalidade brasileira, mas o que podemos perceber é que a tão divulgada harmonia racial, não passa mesmo de um mito.

Mito no sentido literal da palavra: “ideia falsa que distorce a realidade ou não corresponde a ela.”⁶, mas que infelizmente ainda hoje é usado para negar o racismo e suas implicações.

O mito da democracia racial surge na década de 30 e era uma corrente ideológica que pretendia negar a existência do racismo no Brasil, afirmando que brancos e negros possuíam igualdade de oportunidades e tratamento. Perpetuando e reforçando estereótipos sobre os negros, reforçando as discriminações e desigualdades raciais.

Gilberto Freyre tem sido apontado como um dos principais teóricos que interpretou e divulgou o mito da democracia racial, principalmente através de seu livro Casa Grande e Senzala. Não podemos desconsiderar que Freyre considerou “harmonia racial” por comparar a sociedade brasileira com outras sociedades, que se caracterizavam por conflitos raciais abertos.

Por volta da década de 50, o Brasil com a reputação de democracia racial, foi objeto de pesquisa no intuito de que se tornasse exemplo para outras sociedades no trato racial. Mas o que os pesquisadores, puderam observar foi que o Brasil era sim um país racista. Florestan Fernandes foi um dos teóricos a contestar a ideia de democracia racial, mas acabou

⁶ Definição do dicionário Aurélio Buarque de Holanda.

divulgando outro pensamento que “o racismo desapareceria com o desenvolvimento do capitalismo, ainda que os brancos tentassem manter seus privilégios o quanto possível” (TELLES, 2003, p.61). Fernandes acreditava que o problema racial seria solucionado, na medida em que houvesse uma ascensão econômica e social do negro.

O pensamento de Fernandes também se faz presente quando cotidianamente escutamos que o problema não é racial, mas sim social. Que negros são discriminados por serem pobres.

Porém é fácil perceber que essas crenças se chocam com a realidade nacional, onde sempre foi evidente a exclusão do indivíduo negro. No Brasil hoje temos um modelo de relações raciais desigual e injusto, onde a população negra está sempre “atrás” em relação aos brancos, vivenciando todo tipo de discriminação.

Uma série de indicadores sociais, medidos por institutos como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e o IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada) nos mostra essa desigualdade, em comparação aos brancos os negros possuem menos tempo de escolarização, baixa renda familiar, dificuldade de inserção no mercado de trabalho, ocupação dos trabalhos menos valorizados e de menor remuneração, entre outros. E para quem ainda insistir em dizer que a questão é social, é só perceber que sujeitos brancos pobres, tendem a ter mais oportunidades que sujeitos negros na mesma condição socioeconômica.

Atualmente visualizamos alguns avanços nos indicadores quantitativos, mas ainda tímidos diante das desigualdades raciais existentes.

Por ser um espaço privilegiado de socialização infantil no qual se estabelecem relações com crianças de diferentes núcleos familiares a escola poderá ser o primeiro espaço de vivência das tensões raciais.

Apelidos pejorativos, piadas preconceituosas, exclusão do convívio social com o grupo, diversas formas de inferiorização, que muitas vezes são tidas como “simples brincadeiras”. Assim a escola, ambiente privilegiado para o combate ao racismo, tem muitas vezes silenciado diante de tais situações, perpetuando e contribuindo com atitudes discriminatórias.

As questões raciais atrelada à situação social contribuíram e contribuem para a segregação do negro na sociedade brasileira. Somente a partir dos anos 90 tivemos mais força política com ações mais efetivas e a implementação de políticas de combate ao preconceito e

discriminação racial. Sobretudo diante do trabalho do Movimento Negro Brasileiro, os desníveis entre brancos e negros passaram a ser finalmente questionados.

Da luta do Movimento Negro nasceu a lei 10.639/03 que tornou obrigatório, em todas as escolas oficiais e particulares dos níveis fundamental e médio do país, o ensino de história e cultura afro-brasileira no âmbito de todo o currículo escolar. No entanto, sozinha, essa lei não é capaz de alterar as práticas racistas existentes no cotidiano das unidades de ensino, embora coloque em discussão nas escolas, histórias negadas e silenciadas até então.

Nesse sentido em 2004 foi publicada a Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004, que Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, que tem como objetivo educar os cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial.

É nessa perspectiva que se insere essa ação pedagógica, no intuito de problematizar e combater a situação racial brasileira, principalmente no âmbito cotidiano das relações pedagógicas.

5.2- EDUCAÇÃO, CULTURA JUVENIL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Quando me propus a desenvolver esta ação pedagógica, imediatamente algumas questões foram levantadas. Além de pensar na dimensão racial era preciso pensar nos meus alunos, que não eram somente alunos eram também jovens, negros, numa situação de grande vulnerabilidade social.

Pensar sobre aqueles jovens era também pensar sobre a juventude, sobre as diferentes formas de ser jovem. Estudo que me fez rever concepções até então arraigadas, concepções baseadas em estereótipos que infelizmente muitas vezes reforçamos e que se não fossem revistos poderiam inviabilizar todo trabalho.

É importante ressaltar que neste trabalho refiro-me a juventude como o período posterior a infância que engloba a adolescência e a juventude propriamente dita. A escolha por este termo se justifica: A juventude como uma idade da vida, é determinada social e historicamente com base em ações voluntárias dos próprios jovens sobre costumes e comportamentos. (PERALVA, 1997)

Os (as) estudantes apesar de biologicamente estarem mais para o que designamos como adolescentes, podemos perceber através de seus gestos, vestimentas e linguagem que podemos considerá-los como jovens.

Nesse sentido, estamos entendendo por juventude tal como Dayrell:

...estamos entendendo a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. Constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesmo. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém que haja um único modo nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. (DAYRELL, 2003, p.42)

Historicamente, o conceito de juventude nem sempre existiu e foi pensado da mesma forma como o concebemos hoje. Como diz (PERALVA, 1997): “Anteriormente ao século XIX era pouco percebida a divisão entre faixas de juventude e infância, sendo que suas particularidades despertavam pouco interesse social, mesmo para a educação.”

Podemos dizer que o conceito de juventude (bem como o de adolescência) foi “inventado” na sociedade moderna. O surgimento da sociedade capitalista é que possibilita o surgimento do conceito de juventude, como um grupo etário.

Na sociedade moderna a juventude é constituída socialmente. A sociedade capitalista produziu, em indivíduos a partir de certa idade um conjunto de características comuns que nos permitem considerar um grupo social. Criando um conjunto de características específicas para as pessoas deste grupo etário, características que foram utilizadas pelo mercado capitalista, criando um mercado consumidor específico.

Historicamente aos jovens foram atribuídas características diversas e antagônicas, duas características foram mais marcantes: a do jovem como problema social, como objeto de falha, como risco para a continuidade social e a juventude enquanto "futuro", como categoria portadora da possibilidade de transformação da sociedade.

Essas formulações acerca da juventude ainda permanecem, mesmo que alteradas no imaginário da sociedade, e conseqüentemente nas escolas. Soma-se a esta questão o fato de muitas vezes pensarmos em juventude como uma categoria única, homogênea. Como diz Abramo “Por muito tempo, pelo menos até os anos 1960, a visibilidade da juventude no Brasil ficou restrita a jovens escolarizados de classe média, situação que condensava o significado da condição juvenil” (2005, p. 38).

Como diz Sposito:

Ao nos referimos ao universo juvenil, em geral sem recortá-lo sob a ótica da classe social, tendemos a considerar os jovens consumistas e alienados. Se recuperarmos a extração da classe, sobretudo para qualificar os alunos da escola pública, acrescentamos, na maioria das vezes, o atributo de violentos ou marginais. (SPOSITO, 1996, p.99)

Situação que podemos perceber cotidianamente nas escolas, em que esse discurso se faz recorrente, gerando preconceitos e estereótipos do aluno jovem. Como já disse anteriormente considerando o jovem como um problema social, com dificuldades de considerá-los como sujeitos capazes de ações significativas. “[...] jovens que assustam e ameaçam a integridade social [...]” (ABRAMO, 2005, p.35).

O conceito de juventude é uma construção histórica, que depende de contextos sociais, é uma categoria produzida socialmente. Não com um fim predeterminado, muito menos como preparação para a vida adulta.

Atualmente seria impossível dizer de juventude, seria mais interessante dizer de juventudes, já que existem múltiplas maneiras de ser jovem. Como aponta Abramo (2005, p. 43) “[...] hoje o alerta inicial é o de que precisamos falar de juventudes no plural, e não de juventude, no singular, para não esquecer as diferenças [...]”

Neste sentido, abordar a cultura juvenil do Hip Hop pressupõe compreender as diferenças sociais no interior da juventude, pressupõe reconhecer esses jovens como sujeitos capazes de formular questões relevantes e ações significativas, de maneira a repensar as desigualdades raciais presentes na sociedade.

5.3- MOVIMENTO HIP HOP

O movimento Hip Hop surge na década de 60 nos Estados Unidos como instrumento de luta contra a opressão racial vivida por jovens afrodescendentes, unindo práticas culturais dos jovens negros latinos americanos nos guetos e ruas dos grandes centros urbanos.

As organizações do movimento Hip Hop criam um espaço de referência e de identificação baseado na experiência social, cultural e étnica.

Hip Hop nasce como uma forma de luta contra a opressão racial e é desenvolvido principalmente por jovens negros e vem progressivamente ganhando força nas periferias trabalhando as temáticas do cotidiano dos mesmos. (MAGRO, 2002).

O Hip Hop nasceu em meio ao caos urbano da cidade pós-industrial, como forma de responder a exclusão e a violência com criatividade, inteligência e respeito às diferenças. Em pouco tempo esse movimento, ultrapassou as fronteiras do Bronx⁷, comunidade negra nova-

⁷ O Bronx (Condado de Bronx) é um dos 62 condados do Estado americano de Nova Iorque. O condado foi fundado em 1639 por Jonas Bronck, um sueco que estabeleceu no território uma fazenda. Naquela época o local ficou conhecido por *Terra de Bronck* (em inglês *Bronck's Land*) e com o tempo passou a ser chamado Bronx. Na década de 1970 foi criado no Bronx o movimento cultural denominado hip hop. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bronx>. Acesso em 15 de setembro de 2011.

iorquina e da América e se espalhou rapidamente por todo o mundo, difundindo-se como cultura juvenil internacional, instalando-se em países como França, Cuba, Portugal e Brasil, nos guetos e periferias onde existem jovens segregados, protagonistas de injustiças e preconceitos, que buscam ampliar seus valores, aumentar a autoestima, formar uma identidade jovem com todo o direito de tê-lo.

No Brasil do final dos anos 80 o movimento Hip Hop, especialmente o ritmo Rap, tornou-se para muitos jovens o espaço para mobilização e conscientização. Os grupos de Rap começaram a ganhar visibilidade no final dos anos 90, sendo caracterizados como ações coletivas.

5.4 – RAP

O Rap (ritmo e poesia) é a música que sonoriza o Hip Hop. Associado aos efeitos sonoros feito pelo DJ e as rimas cantadas pelo MC, o rap se tornou meio de divulgação das ideias e mensagens de jovens excluídos.

O Rap surge em um momento em que a adoção dos valores do mundo branco dominante não é vista como necessária no caminho de ascensão social e em que as raízes africanas são valorizadas.

Segundo Silva (2004) as raízes desse gênero musical são originadas do canto falado da África Ocidental, nas tradições dos povos africanos, principalmente na figura do griot, nome dado a membros das comunidades africanas que contam e preservam as histórias a partir do canto.

“A importância da palavra entre as sociedades africanas reaparece numa das mais fortes manifestações afro-brasileiras contemporâneas: o rap.” (ANDRADE, 1996, p.138)

O Rap surgiu da influência dos jamaicanos. Eles utilizavam um modo de rimar sobre uma base musical. “Durante as festas e encontros esses jovens jamaicanos 'falavam cantando' sobre os acontecimentos sociais, sem se deixarem vencer pelo acelerado ritmo musical”. (ANDRADE, 1996, p.18)

As letras das canções de Rap são descrições das situações vividas por jovens que vivem na periferia, sendo caracterizadas como verdadeiras denúncias das situações de exclusão social, cultural e de discriminação racial vivida por esses jovens. Cantam também a amizade, o espaço onde moram, o desejo de paz e de uma vida melhor.

Apesar de serem vistos com suspeitas pela opinião pública, sendo acusados em alguns casos de incitar a violência em virtude da crueza das letras que cantam, muitas vezes, além de serem canais de denúncia da exclusão e da marginalização dos afro-brasileiros, empreendem ações que buscam solucionar os problemas que afligem esses grupos.

O Rap em sala de aula vem sendo cada vez mais explorado, a pedagoga Elaine Nunes de Andrade em seu livro “Rap e educação, rap é educação”, reúne textos de vários autores em que relatam as experiências da utilização do Rap em suas práticas pedagógicas. Experiências que multiplicam cotidianamente nas salas de aulas brasileiras, mas não se esgotam diante da necessidade de problematizar vários apontamentos realizados por diferentes grupos de Rap, entre eles a situação vivenciadas por jovens negros no Brasil.

6- METODOLOGIA

Nesse trabalho a metodologia utilizada tem característica de pesquisa sobre a própria prática, estimulando a participação das pessoas envolvidas na pesquisa. Buscamos planejar, observar, agir e refletir de maneira consciente, sistemática e rigorosa o que fazemos na nossa experiência diária. Conseqüentemente reavaliamos e modificamos nossas práticas.

Para o desenvolvimento do trabalho, inicialmente identifiquei o problema, no caso as relações raciais existentes na escola e as possibilidades de ação para solucioná-lo. A opção nesse trabalho foi por abordar a cultura juvenil do Hip Hop, em especial o Rap, para combater as desigualdades raciais presentes na sociedade.

O primeiro passo da ação pedagógica foi a elaboração do plano de ação no qual explicitarei as intenções desse trabalho. O plano de ação trata-se de um planejamento detalhado de todos os passos da pesquisa, no intuito de manter uma proposta coerente e eficaz.

A ação pedagógica foi desenvolvida com alunos do 6º ano do ensino fundamental, já que atuava como professora de língua portuguesa nessas turmas. O trabalho desenvolvido foi dinâmico e interativo, exigindo atividade complementar entre ação e análise. Para desenvolver o trabalho utilizei o questionário, como instrumento de pesquisa, no intuito de diagnosticar e direcionar melhor o desenvolvimento da ação pedagógica. O questionário permitiu coletar dados, possibilitando traçar um perfil dos alunos envolvidos diretamente na ação.

A ação aconteceu nos meses de outubro a dezembro de 2011, compreendendo um total de 28 aulas, sendo aulas expositivas, palestras, apresentação de filmes, oficinas de língua portuguesa e de Hip Hop. Que estão explicitados a seguir no desenvolvimento da ação pedagógica e no cronograma de atividades.

Durante todo o processo avaliei o projeto, no intuito de aprimorá-lo e nos casos necessários rever algumas propostas explicitadas no plano de ação. Algumas dificuldades e imprevistos surgiram e essa avaliação foi importante para alcançar os objetivos desejados, mesmo com algumas mudanças no plano original.

Para registro do trabalho foi solicitado por escrito aos pais e direção da escola a permissão para participação e divulgação dos resultados e imagem sem nenhum prejuízo para autoria deste trabalho. Os termos de autorização estão em anexo (ANEXO 12.2; 12.3).

7- O DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

A ação pedagógica foi desenvolvida com 3 turmas de 6º ano do ensino fundamental (antiga 5ª série), compreendendo a faixa etária de 11 a 14 anos, o trabalho consistiu em três partes: num primeiro momento busquei conhecer melhor o público-alvo do projeto e trabalhei alguns conceitos como raça, racismo, preconceito e discriminação; num segundo momento trabalhei o movimento Hip Hop e as letras de Rap; e num terceiro momento realizei um trabalho de biografias de personalidades negras e de autobiografia dos alunos envolvidos no projeto.

Iniciei a ação aplicando um questionário com os alunos, no intuito de levantar questões que subsidiaram o trabalho. Busquei conhecer os alunos, suas vivências, suas inserções em projetos sociais, movimentos ou ações coletivas. Explorando se a linguagem musical fazia parte de suas vivências e suas preferências musicais.

Alguns conceitos foram discutidos e apresentados através de aulas expositivas. Trabalhei os conceitos de raça, negro, diversidade, discriminação e preconceito. Para que os alunos compreendessem como esses conceitos são vinculados em nosso cotidiano e pudessem perceber situações de preconceitos e discriminações vivenciados. Para isso utilizei de aulas expositivas, com auxílio das músicas “Racismo é burrice” de Gabriel Pensador (ANEXO 12.4) e “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro” (ANEXO 12.4) do Rappa, para discutir tais conceitos.

No intuito de fazer com que os alunos percebessem a discriminação presente no interior da escola, foi exibido o filme “Vista minha pele” de Joel Zito Araújo.



FIGURA 2 – Exibição do filme “Vista minha pele”.

Após o período inicial descrito acima, iniciei o trabalho de linguagem musical, explorando a origem dos ritmos apontados pelos alunos, elucidando algumas questões: Quais ritmos possuem uma origem africana? Quais ritmos surgem como forma de resistência cultural?

Parti desses dados para iniciar uma discussão a respeito da questão étnico-racial, utilizando o movimento Hip Hop, como um exemplo de expressão de cultura juvenil que discute e procura através de seus elementos questionar a situação do negro no Brasil, utilizei principalmente a linguagem musical do Rap. Para iniciar uma discussão sobre o movimento Hip Hop foi exibido trechos do documentário “É tudo nosso... A história do hip hop”.

As letras de Rap, foram analisadas como gênero textual, utilizei de oficinas de língua portuguesa, minha área de atuação, para discutir como nesse tipo de texto a linguagem é usada para denunciar uma situação. Como o canto falado relaciona com os griots (contadores de história) e como esse tipo de linguagem é utilizado nas letras das canções de Rap.

As letras das músicas trabalhadas foram sugeridas pelos alunos, que utilizaram as aulas de informática para realizar uma busca na internet de músicas que abordassem a questão racial.

Selecionei as três músicas mais sugeridas para desenvolver as oficinas, foram elas: “Negro drama”, “Racistas otários” e “Qual mentira vou acreditar?”, todas do grupo de Rap Racionais Mc's. As letras foram selecionadas pelos alunos de acordo com o conteúdo das mensagens.

Acredito que a escolha por esse grupo de Rap não foi aleatória, Racionais Mc`s tem sido um dos grupos de maior sucesso nesse gênero musical. Conforme Zeni:

O rap dos Racionais pretende ao que parece levar a lei da selva que domina a periferia ao interior da casa grande, aos ouvidos da elite, com a certeza brutal – com a agressividade que os afirma e protege – de que eles são demais para o quintal das classes dominantes. [...]. A denúncia do grupo não poderia ser mais grave: nós, pretos e pobres da periferia, vivemos segundo a lei da selva, lei esta que, apesar de absurda e violentadora, já foi incorporada à cultura brasileira, em que é normal ver os negros pobres, presos ou mortos. (ZENI, 2004, p.228)

Nas oficinas ouvíamos a música, fazíamos a leitura individual e coletiva da música (texto), discutíamos a letra, o vocabulário e linguagem utilizados, retomávamos os conceitos trabalhados anteriormente e após toda essa discussão os alunos registravam suas percepções através de desenhos.



FIGURA 3 – Oficina de língua portuguesa.

No intuito de que os alunos construíssem afirmassem identidades positivas em relação à cultura afrodescendente, trabalhei biografias de personalidade negras, para isso os alunos fizeram pesquisas biográficas sobre algumas personalidades negras e foram exibidos alguns trechos do filme “Heróis de todo mundo” (material “A Cor da cultura”).

Finalizando o trabalho os alunos produziram autobiografias, em que afirmaram positivamente o pertencimento étnico-racial.

Para demonstrar de maneira mais clara a ação que foi desenvolvida segue abaixo um quadro explicitando todos os objetivos, conteúdos, ações e avaliação do trabalho aqui descrito.

8- CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Período	Objetivos	Conteúdos	Ações	Avaliação
07/10 à 17/10	Compreender os conceitos sociais de raça, etnia, diversidade. Compreender o mito da democracia racial	Conceitos sociais de raça, etnia e diversidade	Representação através de desenho o que pensam quando leem a palavra racismo; Através da discussão dos desenhos, explicitação dos conceitos sociais de raça, etnia e diversidade, de acordo com o almanaque pedagógico afro-brasileiro Confecção de cartazes explicitando os conceitos para serem divulgados na escola.	Através da participação dos alunos na discussão sobre os desenhos Verificar se os (as) alunos (as) apropriaram dos conceitos trabalhados através dos cartazes confeccionados.
21/10 à 31/10	Identificar situações de discriminações e preconceitos vivenciados na escola e na sociedade de maneira geral	Diagnóstico de situações de preconceitos e discriminação vivenciados Discriminação e preconceito na escola.	Exposição das situações de discriminação e preconceito relatadas através dos questionários Discussão oral sobre as situações relatadas Exibição do filme “Vista a minha pele” Discussão oral sobre a temática abordada no filme	Participação dos (as) alunos (as) na discussão oral, verificando se eles relacionam situações relatadas com as situações vivenciadas na sala de aula Registro escrito em ficha de avaliação própria sobre a temática levantada pelo filme, verificando se os

01/11 à 08/11	Compreender a origem dos diferentes ritmos musicais	Cultura musical: origens diferentes ritmos musicais de	Preenchimento do questionário no intuito de diagnosticar quais as preferências musicais dos alunos Explicitação dos resultados encontrados nos questionários Aulas expositivas sobre a origem dos ritmos citados nos questionários	(as) alunos (as) relacionam o filme com a realidade vivenciada por eles. Registro escrito das aulas, verificando se os alunos relacionam ritmos musicais atuais com a origem de cada um deles, pontuando o contexto de surgimento de alguns ritmos
09/11 à 18/11	Reconhecer o ambiente escolar como local da valorização da cultura juvenil do Hip Hop	Cultura juvenil do Hip Hop	Aula expositiva sobre a origem do Hip Hop, pontuando o movimento como produção cultural e artística dos negros Exibição de trechos do documentário “É tudo nosso... A história do hip hop”	Cartazes explorando os elementos constituintes do Hip Hop, analisando se os alunos exploram através das imagens selecionadas para os cartazes, situações que o movimento explora, como a racial, gênero e social.

21/11 à 30/11	Perceber o gênero textual música, em especial o Rap, discutindo relações sociais e étnico-raciais, presentes na nossa sociedade	Gênero textual: Música e poesia Leitura e interpretação de músicas de Rap	Leitura coletiva e interpretação do livro “Rap de rua” de Douglas Silva Lima Leitura e interpretação da música-texto de Rap selecionada anteriormente de acordo com indicações dos alunos.	Registro através de grafite da música-texto trabalhada, verificando se os alunos retratam no desenho as discussões sociais apresentadas pela música.
01/12 à 04/12	Construir e afirmar identidades positivas em relação à cultura afrodescendente	Gênero textual: biografia, leitura de biografias de personalidades negras	Fragmentos do vídeo “Heróis de Todo Mundo” do material A Cor da Cultura Pesquisa biográfica das personalidades, realizadas com auxílio das aulas de informática. Confecção de cartazes com a biografia da personalidade estudada.	Pesquisa e cartazes realizados, verificando se os alunos apropriaram do gênero textual biografia e se percebem a contribuição da personalidade negra nas diferentes áreas de atuação.
05/12 à 07/12	Afirmar positivamente em relação ao pertencimento étnico-racial.	Produção de textos autobiográficos	Reafirmando as discussões realizadas anteriormente, cada aluno (a) fará sua autobiografia, expondo seu pertencimento étnico-racial.	Através do registro escrito, verificando se os (as) alunos (as) explicitam seu pertencimento étnico-racial.

9- AVALIAÇÃO

9.1 - AVALIAÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA

Ao escolher trabalhar as relações étnico-raciais com um grupo de adolescentes foi sem dúvida um grande desafio, mas durante a execução do plano de ação várias situações me fizeram ver que havia acertado na forma de trabalho escolhida. Desde o início pensei que o Rap seria uma escolha acertada, diante da demanda que cotidianamente os alunos me traziam.

Os alunos se envolveram acima das minhas expectativas, já que por muitas vezes os considerei como desinteressados, desmotivados e apáticos. Todas as propostas de trabalho eram executadas, e vários relatos envolvendo as questões raciais surgiram: situações de preconceito e discriminações vivenciadas e praticadas, participação em grupos de congados, numa clara percepção da relação racial existente naquele espaço. Eles puderam perceber como essas relações se apresentam em nosso cotidiano, muitas vezes de maneira depreciativa.

Os alunos registraram que as aulas foram interessantes, alegres e diferentes. Demonstrando o quanto gostaram da ação, reforçando que além da temática a forma de trabalho também tem grande importância no resultado do trabalho.

O trabalho também contou com uma série de dificuldades, que de alguma forma prejudicaram no desenvolvimento do plano, mas ressalto que não afetaram de maneira significativa no resultado esperado.

Uma das dificuldades foi a época de implementação do plano que contava com avaliações externas⁸ e fechamento do trimestre, alterando e atrasando o término da ação.

Outro ponto foi a não liberação de verbas, já que estávamos em processo de eleição de diretores e não podíamos incluir “gastos” não programados e por fim um cancelamento de última hora do palestrante contratado para conversar com os alunos sobre o movimento Hip Hop.

Todas essas dificuldades já eram de certa forma esperadas já que o cotidiano escolar é muito dinâmico e nos obriga a ser flexíveis em determinadas situações. Dessa forma modificamos o cronograma e incluímos a participação na Mostra de Trabalhos Afro-brasileira, que aconteceu no centro cultural próximo a escola, fazendo com que os alunos

⁸ Avalia –BH e Prova Brasil.

ficassem orgulhosos de suas produções e percebessem que a discussão racial permeia as escolas de diferentes formas.

Dessa forma percebemos que o trabalho teve um retorno positivo por parte dos alunos e demais envolvidos, os alunos demonstraram através dos registros a satisfação em trabalhar a linguagem musical em sala de aula, especialmente o Rap que se trata de uma expressão juvenil, que problematiza questões de grande relevância social.

A ação educativa foi avaliada de diferentes maneiras: através das minhas observações, enquanto professora e registros realizados pelos alunos, sendo avaliado se os objetivos propostos nesse trabalho foram alcançados. Verificando se os alunos conseguem interpretar a realidade em que vivem, afirmando positivamente a negritude, assumindo posição de questionamento frente às desigualdades raciais.

As atividades foram registradas de diferentes formas através de relatos diários, de registros fotográficos, escritos e desenhos realizados pelos alunos.



FIGURA 4 – Mostra de trabalho dos alunos no Centro Cultural Urucuaia

9.2 - AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

No decorrer do plano de ação as diferentes atividades propostas foram avaliadas de maneiras diversificadas. Através dos registros dos alunos e das observações realizadas percebi que os alunos envolveram-se ativamente com o desenvolvimento do trabalho, foram participativos e críticos ao expor situações e analisarem as situações vivenciadas por eles e pelos colegas.

Em relação aos conceitos trabalhados, os alunos apropriaram ainda que minimamente dos conceitos de raça, racismo, etnia, diversidade, preconceito e discriminação. Apropriaram

de maneira que fizeram alusões a outros tipos de discriminações: religiosa, sexual, pobres, jovens e idosos.

Os alunos fizeram desenhos e em vários momentos esses conceitos foram utilizados. Cerca de 85% dos alunos mencionaram a discriminação racial presente na sociedade, situações de abordagem policial sem motivo aparente, acusações de furtos em que eles se tornaram suspeitos devido a cor da pele, de olhares sempre em vigilância quando entram em qualquer estabelecimento comercial. Perceberam que a situação de ser negro aliada a de ser jovem e pobre “agravava” a desconfiança, e a discriminação no trato com os mesmos.

Cerca de 70% dos alunos retrataram o racismo como crime. O fato de racismo ser crime chamou atenção, levantando a discussão de que o racismo sempre acontece e que dificilmente alguém vai preso, devido a este tipo de crime. Apontando outro levantamento que diz respeito ao tratamento da polícia para com as pessoas negras.

Nos registros percebemos que 5% dos alunos retrataram o bullying como um tipo de violência escolar em que a questão racial é muito presente.

Alguns alunos relacionaram a questão racial, a escravidão, ao nazismo e ao não cumprimento a constituição que garante direitos iguais a todos.

Atualmente os alunos conseguem perceber as situações de discriminações e preconceitos raciais presentes na sala de aula, e geralmente demonstram atitudes de combate a este tipo de situação. Situações que antes passavam despercebidas por eles, já são mais discutidas. Chamar o colega de “macaco”, que antes era considerado como brincadeira, atualmente tem gerado discussões quanto à questão racial.

Ao final desta ação educativa os alunos demonstraram compreender o movimento Hip Hop, em sua estrutura geral, apontando os elementos que constitui o movimento. O Hip Hop já era conhecido por parte dos alunos, através das atividades desenvolvidas, os alunos puderam conhecer e outros aprofundar questões levantadas por essa expressão de cultura juvenil.

Compreenderam a música como gênero textual e perceberam o Rap como gênero musical que através de suas letras realizam denúncia e reflexão social a respeito de diferentes situações entre elas o racismo. Isso pode ser percebido através das análises das letras das músicas, os alunos compreendiam a linguagem juvenil presente nas músicas e por esse motivo faziam interpretações de maneira bem profunda. Mais uma vez demonstrando que além da

discussão racial a forma do trabalho foi fundamental para alcançar os objetivos que foram propostos.

Para conclusão da ação solicitei a produção de textos biográficos sobre personalidades negras. Num primeiro momento os alunos ficaram queixosos dizendo se tratar de “pessoas muito velhas”, “que já tinham morrido”, mas realizaram os textos e perceberam como essas personalidades ainda possuem grande importância na história do Brasil, em diferentes áreas.

Levantei a discussão sobre pessoas que vivem na atualidade e que tem realizado um trabalho de conscientização sobre a questão racial. Os próprios alunos concluíram que os grupos de Rap, fazem esse tipo de trabalho ao abordarem essa temática em suas letras de músicas. Dessa forma acredito que os alunos perceberam a contribuição de diferentes personalidades negras que fizeram ou fazem parte de nossa história, e apropriaram das características do texto biográfico.

Por fim os alunos explicitaram seu pertencimento étnico-racial através da construção de textos autobiográficos. A produção dos textos foi o trabalho escrito que considerei como mais produtivo, naquele momento consegui perceber como eles haviam elaborado de tudo o que vinha sendo discutido nos últimos meses.

O retorno foi muito positivo, cerca de 95% dos alunos afirmaram positivamente o seu pertencimento étnico-racial. Outros 5% demonstraram dificuldades em dizer do pertencimento étnico-racial, mas deixaram claro o quanto essa discussão vinha “incomodando” e fazendo pensar sobre essas questões. Uma aluna elaborou o texto, relatando dificuldades em dizer do seu pertencimento étnico-racial. Assumindo no seu texto o discurso da democracia racial, negando qualquer tipo de discriminação e preconceito.

Um fato que chamou a atenção foi que cerca de 60% dos trabalhos os alunos utilizaram a frase dita no material a A Cor da Cultura “Heróis de todo o mundo” e terminavam o texto dizendo “Sou (nome do (a) aluno (a)) cidadão (ã) negro (a) brasileiro (a)”, deixando claro o pertencimento racial e afirmando-o de maneira positiva.

Por isso considero que os objetivos foram alcançados, de maneira diferente para cada aluno, alguns de maneira incômoda, outros com elevação da autoestima, mas cumpriu o papel de iniciar a problematização da questão racial brasileira.

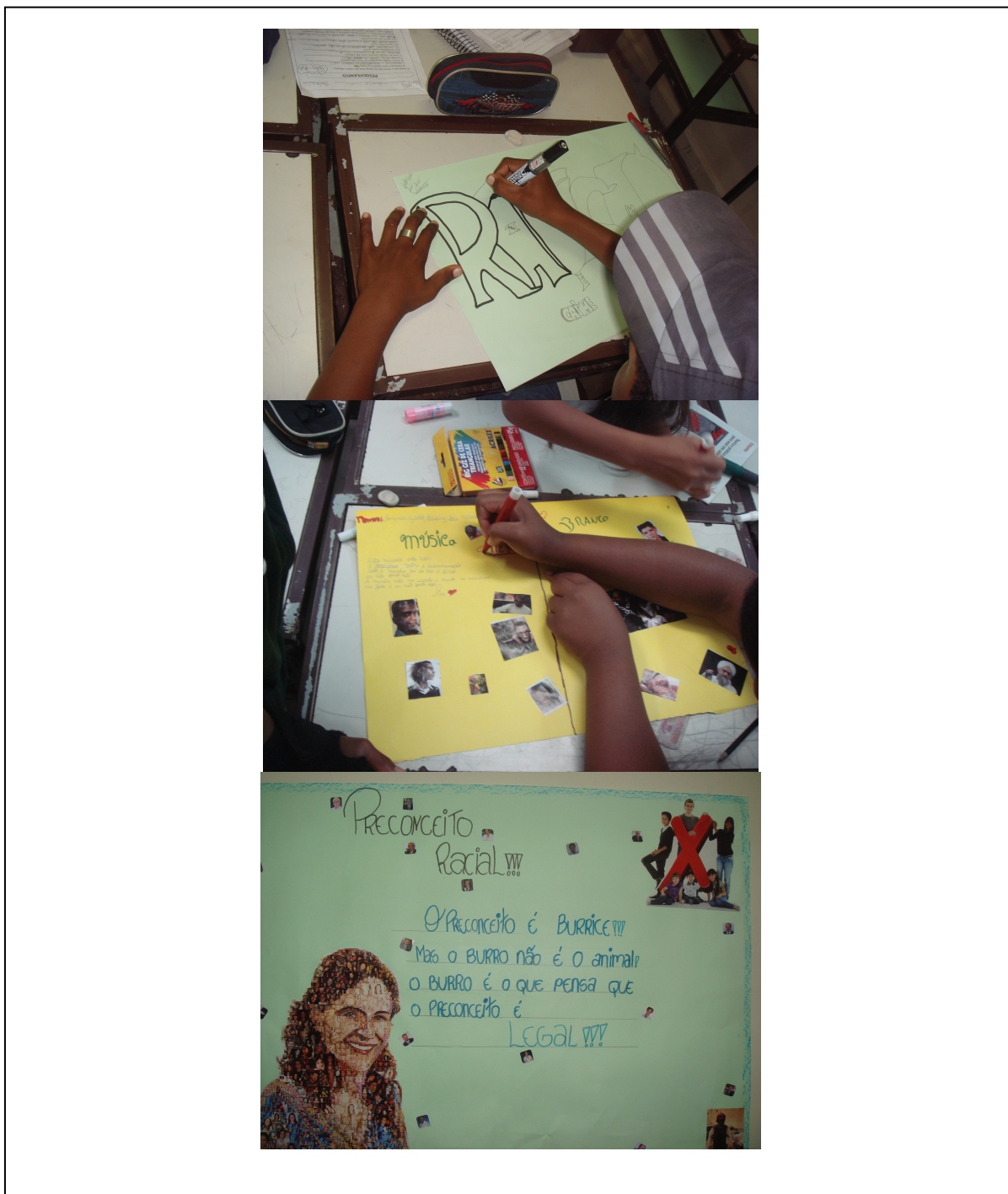


FIGURA 5- Cartazes confeccionados pelos alunos.

10- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar e implementar essa ação pedagógica foi uma experiência de grande importância, fez com que percebesse que práticas como essas, não precisam de grande materialidade e mudanças na rotina escolar, não é necessário um “evento” para incluir essa discussão. Em nosso dia a dia como professores podemos e devemos incluir a discussão racial, de maneira simples e utilizando dos recursos dos quais dispomos.

Muitas vezes a lei 10.639/03 não é cumprida na escola, e várias justificativas são dadas: falta de materiais disponíveis para consulta, falta de capacitação dos professores, falta de apoio das instituições. Talvez justificativas como essas sejam de fato desculpas para não abordar a discussão racial em sala de aula, talvez por considerar que não seja necessário, talvez porque temáticas como essas não apareçam com tanta frequência nas avaliações sistêmicas.

Isso não pode inviabilizar o trabalho dos professores, atualmente temos muitos materiais que permitem ao professor pensar em como abordar essa discussão em sala de aula, a própria Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, é um material acessível a todos e que aborda de maneira bem didática como aplicar a lei 10.639/03.

Acredito que formação é necessário, materialidade e incentivos também, mas para além de todas essas condições é necessário principalmente disponibilidade do professor. Disponibilidade para ver e ouvir os seus alunos, para perceber situações cotidianas que podem favorecer e potencializar a abordagem étnico-racial.

Foi nessa perspectiva que escolhi trabalhar com o Rap em sala de aula, e acredito que a ação foi de fato uma proposta positiva por ter tido o cuidado de perceber o que interessaria aqueles alunos. Esse processo de escuta dos alunos nem sempre é fácil, estamos acostumados a falar, a querer saber por eles o que é melhor, negando qualquer possibilidade de atuarem como sujeitos do processo escolar que diz respeito principalmente a eles.

Nessa ação de maneira simples e ao mesmo tempo profunda abordei a questão étnico-racial e tantas outras situações vivenciadas por esses alunos, eles sentiram-se valorizados ao perceber que essas situações podiam ser o principal assunto a ser tratado numa aula de língua portuguesa.

Embora trabalhe na Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri há quatro anos foi com o desenvolvimento dessa ação pedagógica que pude perceber o potencial educativo de ações como essa. Percebo que para além do Projeto Mama África que descrevi nesse trabalho é possível e desejável que exista diferentes ações no cotidiano, levando em conta a faixa etária e as propostas previstas para o ano letivo, sem excluir nenhuma delas, mas de forma a incluir no currículo temáticas que têm sido excluídas e silenciadas no cotidiano escolar.

Essa ação e várias outras têm demonstrado que abordar em sala de aula conteúdos que trazem a história do Brasil africano leva a reflexão sobre a discriminação racial, valorizando a diversidade étnica, estimulando valores de respeito, solidariedade e tolerância.

11- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo, In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, ANPED, n5/6, 1997.

ANDRADE, Elaine Nunes de. *Movimento negro juvenil*. m: ANDRADE, Elaine Nunes de (org.) Rap e educação Rap é educação. São Paulo: Selo Negro, 1999.

BELO HORIZONTE, Prefeitura municipal. *Escola Aberta*. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=22435&chPlc=22435&termos=> . Acesso em 10/06/2011.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana. Brasília: SECAD/ME, 2004.

_____. Ministério da educação e do desporto. *Lei nº 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

CRUZ, Edmar Pereira da. *Vila Cemig*. Disponível em http://www.favelaeissoai.com.br/comunidades_mostra.php?cod=7. Acesso em 10/06/2011.

DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.1996.

_____, Juarez. *A escola "faz" as juventudes?* Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., out.2007, vol.28, n.100, p.1105-1128. ISSN 0101-7330

_____. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 24, p.40-53, set./out./nov./dez. 2003.

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GOMES, Nilma Lino. *Os jovens rappers e a escola: a construção da resistência*. Anped,1996. (Mimeo).

_____, Nilma Lino. *Juventude, práticas culturais e negritude: o desafio de viver múltiplas identidades*. In: 27a. Reunião Anual da ANPED, 2004, Caxambu. Anais. Rio de Janeiro : ANPED, 2004. p. 1-16.

HERSCHMANN, Micael (org.) *Abalando os anos 90*. Funk e Hip Hop. Globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

_____. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

_____. *Mobilização, Ritmo e poesia*. In: FONSECA, Maria Nazaret Soares (org.) *Brasil Afro-Brasileiro*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

LIMA, Douglas Silva. *Rap Rua*. Ilustradora: Ângela Lago; ISBN: 85-7153-179-x.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. *Adolescentes como autores de si próprios: educação, cotidiano e hip hop*. Cadernos do CEDES (UNICAMP), Campinas/SP, v. 22, n. 57, p. 63-76, 2002.

MINAS GERAIS, Governo do estado de. *PROERD*. Disponível em <https://www.policiamilitar.mg.gov.br/9bpm/conteudo.action?conteudo=325&tipoConteudo=it emMenu>. Acesso em 10/06/2011.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade Nacional versus Identidade Negra*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

_____; GOMES, Nilma L. *O negro no Brasil de hoje*. Global, 2006.

_____. *Superando o racismo na escola*. Brasília, 2005.

PERALVA, Angelina Teixeira. *O jovem como modelo cultural*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n° 5. 1997.

ROCHA, Rosa M. C. *Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro*. Ed. Mazza

TELLES, Edward. *Da Supremacia Branca à democracia Racial*: In: *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, p.41-67, 2003.

SPÓSITO, Marília Pontes. *Algumas Reflexões e Muitas Indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil*. In: ABRAMO, Acleno Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni.

SILVA, Elizabeth Marciano da. *A escola e a cultura do jovem da periferia: Um estudo sobre cultura Hip Hop e currículo*. 2004, Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível no site: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Educacao_Arte_e_Historia_da_Cultura/Publicacoes/Volume5/A_Escola_e_a_Cultura_do_Jovem_de_Periferia.pdf. Acesso em: 11/2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Currículo e identidade social: territórios contestados*. In: *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 2001(a). p.190-207.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

ZENI, Bruno. *O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva*. vol.18 no.50 São Paulo Jan./ 2004.

Filmes:

É TUDO NOSSO: o Hip Hop fazendo história. Produção de Toni C. Brasil: Associação Vermelho, 2007. DVD 180 min.

HERÓIS DE TODO MUNDO. Projeto “A cor da cultura” Parcerias: Petrobrás, CIDAN, Rede Globo, Canal Futura; Edição: Snir Wein, Sofia Karam ; Equipe de produção: Janaína Padilha, Patrícia Bárbara, Daniel Scatena.

VISTA MINHA PELE. 2003. Joel Zito Araújo. CEERT (Discriminação racial na vida cotidiana de adolescente). São Paulo, casa de criação.

Músicas:

NEGRO DRAMA. Racionais Mc's. Nada como um dia após o outro. Brasil. 2002.

QUAL MENTIRA VOU ACREDITAR? Racionais Mc's. Sobrevivendo no Inferno. Casa Nostra. CD. Brasil. 1997.

RACISMO É BURRICE. Gabriel Pensador. MTV ao vivo. 2003.

RACISTAS OTÁRIOS. Racionais Mc's. Saída de Emergência. Zimbabwe Registro. CD de compilação. Brasil. 1997.

TUDO CAMBURÃO TEM UM POUCO DE NAVIO NEGREIRO. O Rappa. Warner Music. CD. Brasil. 2001.

12 – ANEXOS

12.1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS PARTICIPANTES DA AÇÃO EDUCATIVA

QUESTIONÁRIO

1) Identificação / Perfil do aluno:

a) Idade: _____

b) Sexo: _____

c) Conforme o critério utilizado pelo IBGE, qual sua cor, raça ou etnia?

() Branca () Preta () Indígena

() Parda () Amarela () Não sabe

Outra (especificar) _____

d) Há quanto tempo você estuda na escola? _____

e) Você já foi retido? _____ Quantas vezes? _____

f) Você mora próximo à escola? _____

g) Qual é o seu bairro? _____

h) Escreva o nome das pessoas com a qual você mora e o grau de parentesco: _____

i) O que você costuma fazer quando não está na escola? _____

j) Você participa de algum projeto social (Escola Integrada, Fica Vivo, Lar Fabiano em Cristo, etc)? _____

Qual? _____

k) Há quanto tempo você participa desse projeto? _____

l) Como foi seu ingresso? _____

m) Você é assistido por alguma medida protetiva? _____

n) Você gosta de ir a escola? Justifique.

o) Você já sofreu algum tipo de discriminação? _____

p) Se sim. Qual tipo de discriminação? _____

q) Onde e como ocorreu a discriminação? _____

2 – Preferências musicais:

a) Existem vários tipos de músicas: Funk, rap, gospel, axé, sertanejo, rock, música popular brasileira, samba. Você gosta de algum desses ritmos? Quais outros mais você gosta? Escreva abaixo os ritmos de sua preferência.

1° _____

2° _____

3° _____

b) Você escuta música?

c) Onde você costuma ouvir músicas? _____

d) Com que frequência?

() Todos os dias () Às vezes () Não ouve

e) Por que você ouve música ? (para relaxar, para dançar, distrair, como trabalho).

f) Na sua escola existe espaço para ouvir e trabalhar letras de músicas? _____

g) Você gostaria que seus (suas) professores (as) trabalhassem com músicas em sala de aula? Explique sua resposta justificando-a.

h) Você tem o hábito de ir a shows musicais? Se sim, de que tipo? Onde?

i) O que você mais gosta e o que não gosta na música (letra, ritmo, melodia, coreografia, clip)?

j) Você participa de alguma atividade musical?

k) Na sua família tem alguém que participa de alguma atividade musical?

l) Você toca algum instrumento? Se sim. Qual?

m) Você canta em algum grupo ou coral?

Outras perguntas:

3) Personalidades negras

a) Você conhece músicos negros? Se sim. Cite nomes.

b) Você conhece artistas famosos negros? Se sim. Cite nomes.

c) Você conhece esportistas negros? Se sim. Cite nomes.

d) Você conhece pessoas negras que fazem ou fizeram sucesso em alguma área que não foi citada acima? Se sim. Cite nomes.

12.2 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ENVIADO AOS PAIS E RESPONSÁVEIS DOS ALUNOS PARTICIPANTES DA AÇÃO EDUCATIVA:



L A S E B

Curso de Especialização em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de maio de 2012.

Prezados Pais,

O profissional da educação _____ desenvolverá nesta escola, no segundo semestre de 2011 e primeiro de 2012, uma atividade relacionada ao seu trabalho final de curso de Pós-Graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Este trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas, fotos, vídeos, filmagens de aulas, necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos e imagens no referido trabalho dos filhos e pais de alunos.

Atenciosamente,

Samira Zaidan
Coordenadora Geral do Curso

Elza Vidal de Castro
Assessora Pedagógica do Curso

De acordo:

Assinatura dos pais / responsáveis pelo aluno (a):

Nome do aluno

Assinatura dos pais ou responsável pelo aluno

12.3 – TERMO ENCAMINHADO À DIREÇÃO DA ESCOLA



F A E B

Curso de Especialização em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de maio de 2012.

Prezado (a) diretor (a),

Solicitamos sua autorização para que o (a) professor (a) aluno (a) do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação/UFMG, desenvolva seu plano de ação nessa instituição.

Esclarecemos que esta atividade é orientada por docentes qualificados desta Universidade e consiste em um *plano de ação* relacionado às temáticas do curso e às questões de interesse das escolas da rede municipal de ensino.

Trata-se de um compromisso de retorno a essas escolas, conforme objetivos de parceria entre a FAE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação. Além desse propósito, a consolidação desta ação constituirá o trabalho final de curso, requisito para a certificação nesta Especialização.

Acrescentamos a esta solicitação um encaminhamento aos pais dos alunos envolvidos na atividade, para que possamos contar com sua adesão e autorização de participação dos seus filhos em atividades e registros de imagens.

Agradecemos por sua colaboração e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos sobre este curso e os planos de ação nele desenvolvidos.

Atenciosamente,

Samira Zaidan

Coordenadora Geral do Curso

Elza Vidal de Castro

12.4 MÚSICAS TRABALHADAS NAS AULAS E OFICINAS

Racismo É Burrice

Gabriel O Pensador

Salve meus irmãos
africanos e lusitanos, do
outro lado do oceano
“O Atlântico é pequeno
pra nos separar, porque o
sangue é mais forte que a
água do mar”

Racismo, preconceito e
discriminação em geral;
É uma burrice coletiva
sem explicação
Afinal, que justificativa
você me dá para um povo
que precisa de união
mas demonstra
claramente
infelizmente
Preconceitos mil
De naturezas diferentes
Mostrando que essa gente
Essa gente do Brasil é
muito burra
e não enxerga um palmo à
sua frente
Porque se fosse
inteligente esse povo já
teria agido de forma mais
consciente
Eliminando da mente todo
o preconceito
E não agindo com a
burrice estampada no
peito
A "elite" que devia dar um
bom exemplo
É a primeira a demonstrar
esse tipo de sentimento
Num complexo de
superioridade infantil
ou justificando um
sistema de relação servil
E o povão vai como um
bundão na onda do
racismo e da
discriminação
Não tem a união e não vê
a solução da questão

Que por incrível que
pareça está em nossas
mãos
Só precisamos de uma
reformulação geral
Uma espécie de lavagem
cerebral

Racismo é burrice

Não seja um imbecil
Não seja um ignorante
Não se importe com a
origem ou a cor do seu
semelhante
O quê que importa se ele
é nordestino e você não?
O quê que importa se ele
é preto e você é branco
Aliás, branco no Brasil é
difícil, porque no Brasil
somos todos mestiços
Se você discorda, então
olhe para trás
Olhe a nossa história
Os nossos ancestrais
O Brasil colonial não era
igual a Portugal
A raiz do meu país era
multirracial
Tinha índio, branco,
amarelo, preto
Nascemos da mistura,
então por que o
preconceito?
Barrigas cresceram
O tempo passou
Nasceram os brasileiros,
cada um com a sua cor
Uns com a pele clara,
outros mais escura
Mas todos viemos da
mesma mistura
Então presta atenção
nessa sua babaquice
Pois como eu já disse
racismo é burrice
Dê a ignorância um ponto
final:

Faça uma lavagem
cerebral

Racismo é burrice

Negro e nordestino
constroem seu chão
Trabalhador da construção
civil conhecido como
peão
No Brasil, o mesmo negro
que constrói o seu
apartamento ou o que lava
o chão de uma delegacia
É revistado e humilhado
por um guarda nojento
Que ainda recebe o salário
e o pão de cada dia graças
ao negro, ao nordestino e
a todos nós
Pagamos homens que
pensam que ser
humilhado não dói
O preconceito é uma coisa
sem sentido
Tire a burrice do peito e
me dê ouvidos
Me responda se você
discriminaria
O Juiz Lalau ou o PC
Farias
Não, você não faria isso
não
Você aprendeu que preto é
ladrão
Muitos negros roubam,
mas muitos são roubados
E cuidado com esse
branco aí parado do seu
lado
Porque se ele passa fome
Sabe como é:
Ele rouba e mata um
homem
Seja você ou seja o Pelé
Você e o Pelé morreriam
igual
Então que morra o
preconceito e viva a união
racial

Quero ver essa música
você aprender e fazer
A lavagem cerebral

Racismo é burrice

O racismo é burrice mas o
mais burro não é o racista
É o que pensa que o
racismo não existe
O pior cego é o que não
quer ver
E o racismo está dentro de
você
Porque o racista na
verdade é um tremendo
babaca
Que assimila os
preconceitos porque tem
cabeça fraca
E desde sempre não pára
pra pensar
Nos conceitos que a
sociedade insiste em lhe

Todo Camburão Tem Um Pouco De Navio Negroiro

O Rappa

Tudo começou quando a
gente conversava
Naquela esquina ali
De frente àquela praça
Veio os homens
E nos pararam
Documento, por favor,
Então a gente apresentou
Mas eles não paravam
Qual é negão? Qual é
negão?
O que que tá pegando?
Qual é negão? Qual é
negão?

ensinar
E de pai pra filho o
racismo passa
Em forma de piadas que
teriam bem mais graça
Se não fossem o retrato da
nossa ignorância
Transmitindo a
discriminação desde a
infância
E o que as crianças
aprendem brincando
É nada mais nada menos
do que a estupidez se
propagando
Nenhum tipo de racismo -
eu digo nenhum tipo de
racismo - se justifica
Ninguém explica
Precisamos da lavagem
cerebral pra acabar com
esse lixo que é uma
herança cultural
Todo mundo que é racista

É mole de ver
Que em qualquer dura
O tempo passa mais lento
pro negão
Quem segurava com força
a chibata
Agora usa farda
Engatilha a macaca
Escolhe sempre o
primeiro
Negro pra passar na
revista
Pra passar na revista

Todo camburão tem um
pouco de navio negroiro
Todo camburão tem um
pouco de navio negroiro

É mole de ver
Que para o negro

não sabe a razão
Então eu digo meu irmão
Seja do povão ou da
"elite"
Não participe
Pois como eu já disse
racismo é burrice
Como eu já disse racismo
é burrice

Racismo é burrice

E se você é mais um
burro, não me leve a mal
É hora de fazer uma
lavagem cerebral
Mas isso é compromisso
seu
Eu nem vou me meter
Quem vai lavar a sua
mente não sou eu
É você.

Mesmo a aids possui
hierarquia
Na África a doença corre
solta
E a imprensa mundial
Dispensa poucas linhas
Comparado, comparado
Ao que faz com qualquer
Figurinha do cinema
Comparado, comparado
Ao que faz com qualquer
Figurinha do cinema
Ou das colunas sociais

Todo camburão tem um
pouco de navio negroiro
Todo camburão tem um
pouco de navio negroiro

Negro Drama
Racionais Mc's

Negro drama,
Entre o sucesso e a lama,
Dinheiro, problemas,
Inveja, luxo, fama.

Negro drama,
Cabelo crespo,
E a pele escura,
A ferida, a chaga,
A procura da cura.

Negro drama,
Tenta ver
E não vê nada,
A não ser uma estrela,
Longe meio ofuscada.

Sente o drama,
O preço, a cobrança,
No amor, no ódio,
A insana vingança.

Negro drama,
Eu sei quem trama,
E quem tá comigo,
O trauma que eu carrego,
Pra não ser mais um preto
fodido.

O drama da cadeia e
favela,
Túmulo, sangue,
Sirene, choros e vela.

Passageiro do Brasil,
São Paulo,
Agonia que sobrevive,
Em meia as zorras e
covardias,
Periferias, vielas e
cortiços,

Você deve tá pensando,
O que você tem a ver com
isso,
Desde o início,
Por ouro e prata,

Olha quem morre,
Então veja você quem
mata,
Recebe o mérito, a farda,
Que pratica o mal,

Me ver,
Pobre, preso ou morto,
Já é cultural.

Histórias, registros,
Escritos,
Não é conto,
Nem fábula,
Lenda ou mito,

Não foi sempre dito,
Que preto não tem vez,
Então olha o castelo e
não,
Foi você quem fez cuzão,

Eu sou irmão,
Dos meus trutas de
batalha,
Eu era a carne,
Agora sou a própria
navalha,

Tim..tim..
Um brinde pra mim,
Sou exemplo, de vitórias,
Trajetos e glórias.

O dinheiro tira um
homem da miséria,
Mas não pode arrancar,
De dentro dele,
A favela,

São poucos,
Que entram em campo pra
vencer,
A alma guarda,
O que a mente tenta
esquecer,

Olho pra trás,
Vejo a estrada que eu
trilhei,

Mó cota
Quem teve lado a lado,
E quem só fico na bota,
Entre as frases,
Fases e várias etapas,

Do quem é quem,
Dos mano e das mina
fraca,

Hum..

Negro drama de estilo,
Pra ser,
E se for,
Tem que ser,
Se temer é milho.

Entre o gatilho e a
tempestade,
Sempre a provar,
Que sou homem e não
covarde.

Que Deus me guarde,
Pois eu sei,
Que ele não é neutro,
Vigia os rico,
Mas ama os que vem do
gueto,

Eu visto preto,
Por dentro e por fora,
Guerreiro,
Poeta entre o tempo e a
memória.

Hora,
Nessa história,
Vejo o dólar,
E vários quilates,

Falo pro mano,
Que não morra, e também
não mate,

O tic tac,
Não espera veja o
ponteiro,

Essa estrada é venenosa,
E cheia de morteiro,

Pesadelo,
Hum,

É um elogio,
Pra quem vive na guerra,
A paz nunca existiu,
Num clima quente,
A minha gente sua frio,
Vi um pretinho,
Seu caderno era um fuzil.

Um fuzil,
Negro drama.

Crime, futebol, música,
caraio,
Eu também não consegui
fugi disso aí.
Eu so mais um.
Forrest Gump é mato,
Eu prefiro conta uma
história real,

Vô conta a minha....

Daria um filme,
Uma negra,
E uma criança nos braços,
Solitária na floresta,
De concreto e aço,

Veja,
Olha outra vez,
O rosto na multidão,
A multidão é um monstro,

Sem rosto e coração,

Hey,
São Paulo,
Terra de arranha-céu,
A garoa rasga a carne,
É a torre de babel,

Família brasileira,
Dois contra o mundo,

Mãe solteira,
De um promissor,
Vagabundo,

Luz,
Câmera e ação,

Gravando a cena vai,
Um bastardo,
Mais um filho pardo,
Sem pai,

Ei,

Senhor de engenho,
Eu sei,
Bem quem você é,
Sozinho, cê num guenta,
Sozinho,
Cê num entra a pé,

Cê disse que era bom,
E a favela ouviu, lá
Também tem
Whiski, red bull,
Tênis Nike e
Fuzil,

Admito,
Seus carro é bonito,
É,
Eu não sei fazê,
Internet, video-cassete,
Os carro loco,

Atrasado,
Eu tô um pouco sim,
Tô,
Eu acho,

Só que tem que,

Seu jogo é sujo,
E eu não me encaixo,
Eu sô problema de
montão,
De carnaval a carnaval,
Eu vim da selva,
Sou leão,

Sou demais pro seu
quintal,

Problema com escola,
Eu tenho mil,
Mil fita,
Inacreditável, mas seu
filho me imita,
No meio de vocês,
Ele é o mais esperto,
Ginga e fala gíria,
Gíria não, dialeto

Esse não é mais seu,
Hó,
Subiu,
Entrei pelo seu rádio,
Tomei,
Cê nem viu,
Nóis é isso ou aquilo,

O quê?,
Cê não dizia,
Seu filho quer ser preto,
Rhá,
Que ironia,

Cola o pôster do 2pac ai,
Que tal,
Que cê diz,
Sente o negro drama,
Vai,
Tenta ser feliz,

Ei bacana,
Quem te fez tão bom
assim,
O que cê deu,
O que cê faz,
O que cê fez por mim?

Eu recebi seu tic,
Quer dizer kit,
De esgoto a céu aberto,
E parede madeirite,

De vergonha eu não
morri,
To firmão,
Eis me aqui,

Você não,
Se não passa,
Quando o mar vermelho
abrir,

Eu sou o mano
Homem duro,
Do gueto, Brow,

Obá,

Aquele louco,
Que não pode errar,
Aquele que você odeia,
Amar nesse instante,
Pele parda,
Ouço funk,

E de onde vem,
Os diamantes,
Da lama,

Valeu mãe,

Negro drama,
Drama, drama.

Qual Mentira Vou Acreditar

Racionais Mc's
São apenas dez e meia
tem a noite inteira
Dormir é embaçado numa
sexta-feira
Tv é uma merda prefiro
ver a lua
Preto edy rock esta a
caminho da rua
Hã sei lá vou pruma festa
se pam
Se os cara não colar volto
às três da manhã
Tô devagar tô a cinquenta
por hora
Ouvindo funk do bom
minha trilha sonora

Aê, na época dos barracos
de pau lá na pedreira onde
vocês tavam?
O que vocês deram por
mim ?
O que vocês fizeram por
mim ?
Agora tá de olho no
dinheiro que eu ganho
Agora tá de olho no carro
que eu dirijo
Demorou, eu quero é mais
Eu quero até sua alma
Aí, o rap fez eu ser o que
sou
Ice Blue, Edy Rock e Klj,
e toda a família
E toda geração que faz o
rap
A geração que
revolucionou
A geração que vai
revolucionar
Anos 90, século 21
É desse jeito
Aê, você sai do gueto,
mas o gueto nunca sai de
você, morou irmão?
Você tá dirigindo um

A polícia cresce o olho eu
quero que se foda
Zona norte a bandidagem
curte a noite toda
Eu me formei suspeito
profissional
Bacharel pós-graduado
em tomar geral
Eu tenho um manual com
os lugares horários
De como dar perdido ai
caralho
Prefixo da placa é m y
sentido jaçanã jardim
Hebron
Quem é preto como eu já
tá ligado qual
é nota fiscal RG polícia
no pé

carro
O mundo todo tá de olho
em você, morou?
Sabe por quê?
Pela sua origem, morou
irmão?
É desse jeito que você
vive
É o negro drama
Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu
sou o negro drama
Eu sou o fruto do negro
drama
Aí dona Ana, sem
palavras, a senhora é uma
rainha, rainha
Mas aê, se tiver que voltar
pra favela
Eu vou voltar de cabeça
erguida
Porque assim é que é
Renascendo das cinzas
Firme e forte, guerreiro de
fé
Vagabundo nato!

Escuta aqui o primo do
cunhado do meu genro é
mestiço
Racismo não existe
comigo não tem disso
é pra sua segurança falou
falou deixa pra lá
Vou escolher em qual
mentira vou acreditar

Tem que saber curtir tem
que saber lidar
Em qual mentira vou
acreditar?
A noite é assim mesmo
então deixa rolar
Vou escolher em qual
mentira vou acreditar
Tem que saber curtir tem

que saber lidar
Em qual mentira vou
acreditar?

ô que caras chato ó
Quinze pras onze eu nem
fui muito longe
E os home embaçou
Revirou os banco
amassou meu boné branco
Sujou minha camisa do
santos
Eu nem me lembro mais
pra onde eu vou
Hi quem será que ligo
Espere na atração eu tô na
zona sul
Eu chego rapidinho
assinado blue
Pode crer naquele lado de
Santana
Conheço uns lugar
conheço umas fulana
Juliana? Não mariana?
Não Alessandra? Não
Adriana? Não
O nome é só um detalhe o
nome é só um nome
953 hum esqueci o
telefone
Pôrra demorou heim
E aí blue como é?
Isso aqui é um inferno
tem uma pá de mulher
Trombei uma pá de gente
uma pá de mano
Tô há quase uma hora te
esperando
Passou uma figura aqui e
deu idéia
Disse que te conhece se
pá chama Léa (eu)
Cabelo solto vestido
vermelho
Estrategicamente a um
palmo do joelho
Os caras comentaram o
visual, oh os bico que tal
pagando o mó pau
Ninguém falou ah ah mas

eu ouvia
Meio mundo xingando
por telepatia (filha da
puta)
Economizava meu
vocabulário
Não tinha o que falar
falava o necessário
Meio assim é claro será
qual é que é truta
é o que não falta mina
filha da puta
Tudo comigo confio no
meu taco
Versão africana Don Juan
de marco
Tudo muito bom tudo
muito bem
Sei lá o que é que tem
idéia vai idéia vem
Ela era princesa eu era o
plebeu
Quem é mais foda que eu
espelho espelho meu
Tipo Thaís de Araújo ou
Camila pitanga
Uma mistura confesso
fiquei de perna bamba
Será que ela aceita ir
comigo pro baile?
Ou ir pra zona sul ter um
grand finale?
Amor com gosto de fruta
até às seis da manhã
Me chamar de meu preto
e me cantar Djavan
Ninguém ouviu mas puta
que pariu
Em fração de segundos
meu castelo caiu
A mais bonita da escola
rainha passista
Se transformou numa
vaca nazista
Eu ouvindo James Brown
pá cheio de pose
Ela pergunto se eu tenho
o quê Gun's Roses?
Lógico que não a mina
quase histórica

Meteu a mão no rádio e
pôs na transamérica
Como é que ela falou? Só
se liga nessa
Que mina cabulosa olha
só que conversa
Que tinha bronca de
neguinho de salão (não)
Que a maioria é
maloqueiro e ladrão (aí
não)
Aí não mano! Foi por
pouco
Eu já tava pensando em
capotar no soco
Disse pra mim não falar
gíria com ela
Pra me lembrar que não tô
na favela
Bate-boca mó guela será
que é meia-noite já?
A cinderela virou bruxa
do mal
Me humilhar não vai vai
tirar o caralho
Levanta o seu rabo racista
e sai
Eu conheço essa perversa
há mó cara
Correu a banca toda de
uns playba
Que cola lá na área
Pra mim ela já disse que
era solitária
Que a família era rígida e
autoritária
Tem vergonha de tudo
cheia de complexo
Que ainda era cedo pra
pensar em sexo
A noite é assim mesmo
deixa rolar
Vou escolher em qual
mentira vou acreditar
Tem que saber mentir tem
que saber lidar
Em qual mentira vou
acreditar

Tem que saber curtir tem

que saber lidar
Em qual mentira vou
acreditar?
A noite é assim mesmo
então deixa rolar
Vou escolher em qual
mentira vou acreditar
Tem que saber curtir tem
que saber lidar
Em qual mentira vou
acreditar?

Ih caralho olha só quem tá
ali?
O que que esse mano tá
fazendo aqui?
E aí esse maluco veio
agora comigo
Ligou que era até seu
amigo
Morava lá na sul irmão da
Cristiane
Dei um cavalo pra ele no
lausane
Ia levar um recado pra
uns parente local
Da igreja evangélica
pentecostal
Desceu do carro acenando
a mão na paz do senhor
Ninguém dava atenção
Bem diferente do estilo

Racistas Otários

Racionais Mc's

Racistas otários nos
deixem em paz
Pois as famílias pobres
não aguentam mais
Pois todos sabem e elas
temem
A indiferença por gente
carente que se tem
E eles vêem
Por toda autoridade o
preconceito eterno
E de repente o nosso

dos crentes
Um bombojaco e touca
mas a noite tá quente
Que barato estranho só
aqui tá escuro
Justo nesse poste não tem
luz de mercúrio
Passaram vinte fiéis até
agora
Dá cinco reais
cumprimenta e sai fora
Um irmão muito sério em
frente à garagem
Outro com a mão na
cintura em cima da laje
De vez em quando a porta
abre e um diz
Tem do preto e do
branco! E coça o nariz
Isso sim isso é que é
união
O irmão saiu feliz sem
discriminação
De lá pra cá veio gritando
rezando
Aleluia as coisas tão
melhorando
Esse cara é dentista sei lá
diz
Que a firma dele chama
boca s/a
Será material de

espaço se transforma
Num verdadeiro inferno e
reclamar direitos
De que forma
Se somos meros cidadãos
E eles o sistema
E a nossa desinformação é
o maior problema
Mas mesmo assim enfim
Queremos ser iguais
Racistas otários nos
deixem em paz

Racistas otários nos
deixem em paz

construção?
Vendedor de pedras? Lá
na zona sul era patrão
Ih! Patrão o caralho! Ele é
safado
Fugiu do valo velho com
os dias contados
Na paranóia de fumar era
fatal
Arrombava os barracos
saqueava os varal
(demorô)
Bateu na cara do pai de
um vagabundo
Humm tá fazendo hora
extra no mundo
A noite tá boa a noite tá
de barato
Mas puta gambé pilantra é
mato

Tem que saber curtir tem
que saber lidar
Em qual mentira vou
acreditar?
A noite é assim mesmo
então deixa rolar
Qual mentira vou
acreditar

Justiça

Em nome disse eles são
pagos
Mas a noção que se tem
É limitada e eu sei
Que a lei
É implacável com os
oprimidos
Tornam bandidos os que
eram pessoas de bem
Pois já é tão claro que é
mais fácil dizer
Que eles são os certos e o
culpado é você
Se existe ou não a culpa

Ninguém se preocupa
Pois em todo caso haverá
sempre uma desculpa
O abuso é demais
Pra eles tanto faz
Não passará de simples
fotos nos jornais
Pois gente negra e carente
Não muito influente
E pouco frequente nas
colunas sociais
Então eu digo meu rapaz
Esteja constante ou
abrirão o seu bolso
E jogarão um flagrante
num presídio qualquer
Será um irmão a mais
Racistas otários nos
deixem em paz

Racistas otários nos
deixem em paz

Então a velha história
outra vez se repete
Por um sistema falido
Como marionetes nós
somos movidos
E há muito tempo tem
sido assim
Nos empurram à incerteza
e ao crime enfim
Porque aí certamente
estão se preparando
Com carros e armas nos
esperando
E os poderosos me
seguram observando
O rotineiro Holocausto
urbano
O sistema é racista cruel
Levam cada vez mais
Irmãos aos bancos dos
réus
Os sociólogos preferem
ser imparciais
E dizem ser financeiro o

nosso dilema
Mas se analisarmos bem
mais você descobre
Que negro e branco pobre
se parecem
Mas não são iguais
Crianças vão nascendo
Em condições bem
precárias
Se desenvolvendo sem a
paz necessária
São filhos de pais sofridos
E por esse mesmo motivo
Nível de informação é um
tanto reduzido
Não...
É um absurdo
São pessoas assim que se
fodem com tudo
E que no dia a dia vive
tensa e insegura
E sofre as covardias
humilhações torturas
A conclusão é sua...KL
Jay
Porém direi para vocês
irmãos
Nossos motivos pra lutar
ainda são os mesmos
O preconceito e desprezo
ainda são iguais
Nós somos negros
também temos nossos
ideais
Racistas otários nos
deixem em paz

Racistas otários nos
deixem em paz

Os poderosos são
covardes desleais
Espancam negros nas ruas
por motivos banais
E nossos ancestrais
Por igualdade lutaram
Se rebelaram morreram

E hoje o que fazemos
Assistimos a tudo de
braços cruzados
Até parece que nem
somos nós os
prejudicados
Enquanto você sossegado
foge da questão
Eles circulam na rua com
uma descrição
Que é parecida com a sua
Cabelo cor e feição
Será que eles vêm em
nós um marginal padrão
50 anos agora se
completam
Da lei anti-racismo na
constituição
Infalível na teoria
Inútil no dia a dia
Então que fodam-se eles
com sua demagogia
No meu país o
preconceito é eficaz
Te cumprimentam na
frente
E te dão um tiro por trás

"O Brasil é um país de
clima tropical
Onde as raças se
misturam naturalmente
E não há preconceito
racial. Ha,Ha....."

Nossos motivos pra lutar
ainda são os mesmos
O preconceito e o
desprezo ainda são iguais
Nós somos negros
também temos nossos
ideais

Racistas otários nos
deixem em paz...